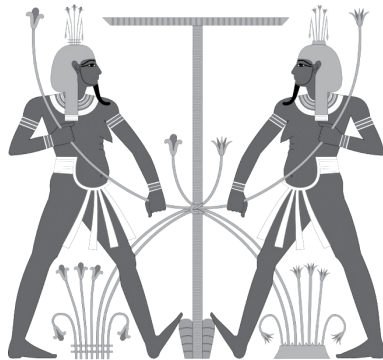


Hapi

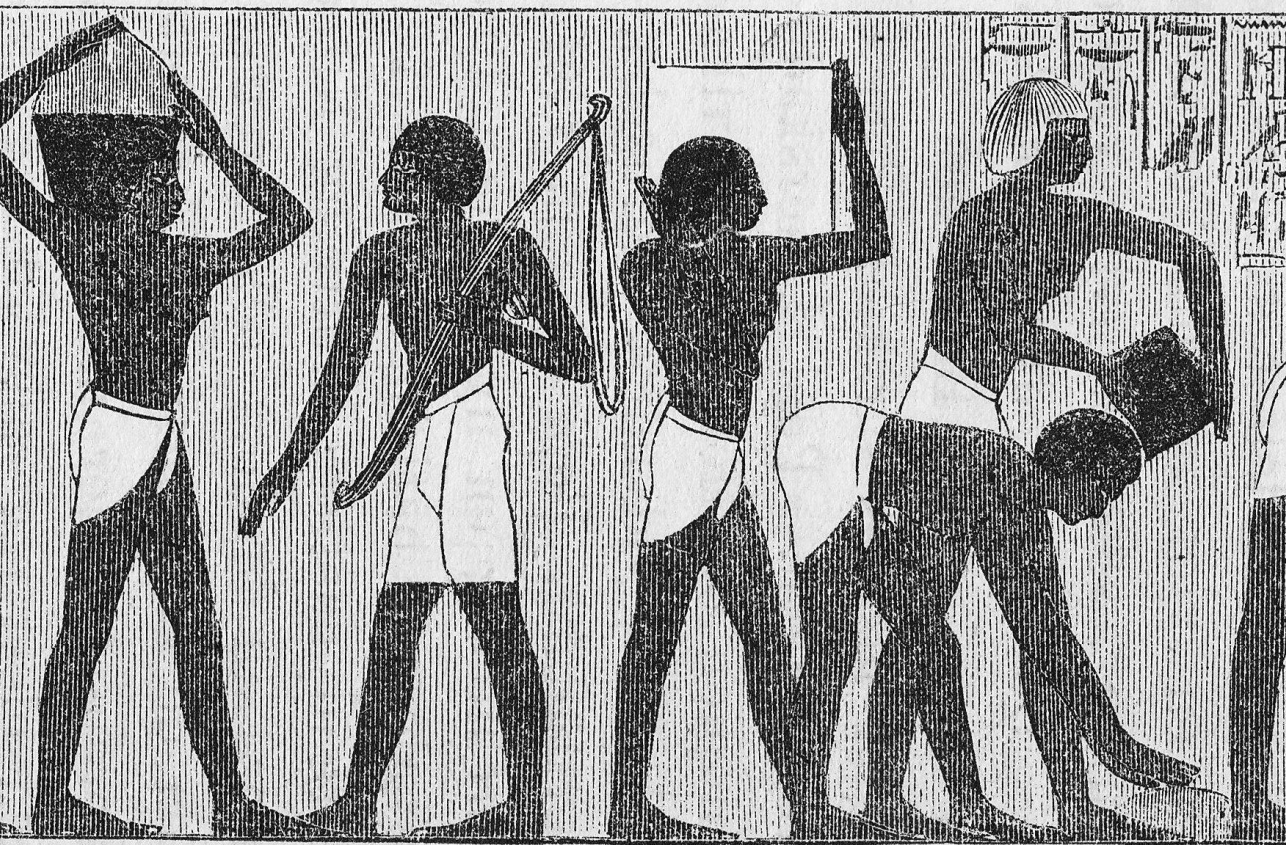
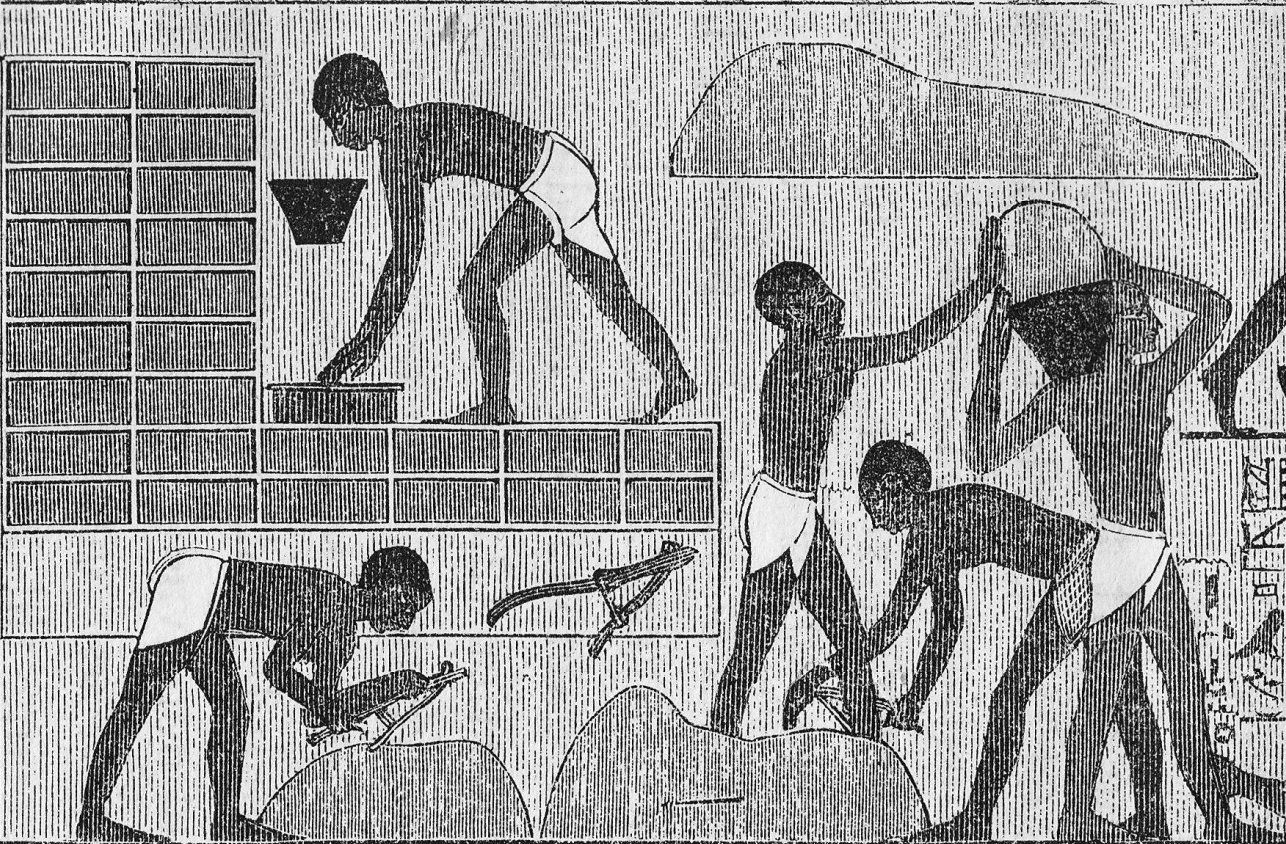
Revista da Associação Cultural de Amizade Portugal-Egipto

Director:
Telo Ferreira Canhão

Número 1



Lisboa, Novembro de 2013



Viver na cidade

José das Candeias Sales

Universidade Aberta/Centro Histórico da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
sales@uab.pt

Resumo: Apesar de o Egípcio antigo ter em tempos sido descrito como uma «civilização sem cidades», sobretudo com base em argumentos filológicos, a arqueologia tornou evidente que houve assentamentos humanos que atingiram o estatuto de cidades e que não estamos de todo perante uma sociedade sub urbanizada. Antes pelo contrário, o antigo Egípcio foi uma sociedade urbanizada desde o início do Império Antigo ou talvez mesmo desde o Período Dinástico Inicial.

Neste texto, trataremos o conceito de «cidade» e a sua evolução ao longo da história egípcia e procuraremos sintetizar a principal tipologia operatória com que hoje se trabalha no seio da Egíptologia científica. Paralelamente caracterizaremos as três grandes cidades planificadas de Kahun (Império Médio), Amarna e Deir el-Medina (ambas do Império Novo).

A problemática da construção merece igualmente a nossa atenção, designadamente com uma referência aos principais materiais utilizados e às principais fontes hoje disponíveis para o estudo e reconstituição das habitações do antigo Egípcio.

Por fim, passamos em revista um conjunto de actividades e ofícios que poderíamos caracterizar como «urbanos» ou que ganham maior expressão quando associados à vida numa cidade.

57

Palavras-chave: Cidade; vida quotidiana; urbanismo; habitação; ofícios.

Abstract: *Even though the ancient Egypt has once been described as «civilization without cities», primarily based on philological arguments, archeology made clear that there were human settlements that have reached the status of towns and we are not at all before a sub-urbanized society. Instead, ancient Egypt was a society urbanized since the beginning of the Old Kingdom or perhaps even from the Pre-dynastic Period.*

In this paper, we work upon the concept of «town» and its evolution throughout the Egyptian history in order to summarize the main operative typology with which it is now worked within the scientific Egyptology. At the same time, we characterize the three major planned cities of Kahun (Middle Kingdom), Amarna and Deir el-Medina (both from the New Kingdom).

Inseparable from the Egyptian urban movement, the issue of construction also deserves our attention, specially a reference to the main materials used and the main sources available today for the study and reconstruction of dwellings of the ancient Egypt.

Finally, we review a set of activities and crafts we might characterize as «urban» or that earn higher expression when associated with living in a town.

Keywords: *Town; everyday life; urban development; housing; crafts.*

Apesar de o Egípto antigo ter em tempos sido descrito como «civilização sem cidades», sobretudo com base em argumentos filológicos, a arqueologia tornou evidente que houve assentamentos humanos que atingiram o estatuto de cidades e que não estamos de todo perante uma sociedade sub-urbanizada. Antes pelo contrário, o antigo Egípto foi uma sociedade urbanizada desde o início do Império Antigo ou talvez mesmo desde o Período Dinástico Inicial¹. Hoje é comum a visão do Egípto antigo como uma sociedade complexa que incorporava uma grande diversidade de comunidades, combinando elementos rurais e urbanos².

Com o estabelecimento da cultura neolítica, por volta do VII-VI milénios a.C. (6000-5500 a.C.), quando se assinala a ruptura essencial entre a pré-história e a história do Egípto e se processa uma modificação radical na civilização nilótica, quer o Alto quer o Baixo Egípto conheceram o estabelecimento dos primeiros assentamentos urbanos que, nos períodos seguintes (culturas do Faium A, de Guerza, de Merimde-Beni-Salame, de Maadi, de El-Omari e de Tura, no Baixo Egípto; de Mahasna, de El-Amra, de Badari, de Nagada – I, II e III –, e de Deir Tasa, no Alto Egípto), se foram ampliando, ao mesmo tempo que as técnicas de construção se iam consolidando³.

Estas «époques de formation» ou o «long period of gestation»⁴ seriam, todavia, decisivos para o estabelecimento daquilo que poderíamos chamar as «bases da civilização das Duas Terras». Como escreve enfaticamente N. Grimal: «C'est à cette lointaine période que se constitue l'image culturelle de l'environnement nilotique que perpétueront les scènes de chasse et de pêche dans les marais en rappelant, sur les murs des tombeaux de l'époque

- 1 - Cf. M. BIETAK, «Urban Archaeology and the "Town Problem" in ancient Egypt», em K. R. Weeks (ed.), *Egyptology and the Social Sciences - Five Studies*, Cairo: The American University in Cairo Press, pp. 128, 129. Como diz Barry Kemp, «no doubt that ancient Egypt was an urbanized society of a relatively normal type» - B. J. KEMP, «The early development of towns in Egypt», *Antiquity*, 51 (1977), p. 199. Vide também I. SHAW, P. NICHOLSON, «Towns», em *British Museum dictionary of Ancient Egypt*, London: British Museum Press, 1995, p. 293; B. J. KEMP, «The early development of towns in Egypt», p. 186; B. J. KEMP, *Ancient Egypt: anatomy of a civilization*, 2ª ed., London: Routledge, 2006, 194. Como David O'Connor mencionou, «the definition of Egypt as "civilization without cities" can only be accepted if "city" is understood in a most narrow and specialized sense; a more broadly defined type (or types) of was certainly characteristic of historic Egypt» (Apudem I. SHAW, P. NICHOLSON, «Towns», p. 293). Vide J. YOYOTTE, «Ville et villages» em Georges Posener (dir.), *Dictionnaire de la civilisation égyptienne*, Paris: Fernand Hazan, 1970, pp. 298-299; M. BIETAK, E. CZERNY, *Cities and urbanism in ancient Egypt*, Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2010.
- 2 - Cf. L. TROY, «Resource management and ideological manifestation: The towns and cities of ancient Egypt», em *The Development of Urbanism from a Global Perspective* [Web version], 2003, p. 1- <http://urn.kb.se/resolve?urn=urn:nbn:se:uu:diva-49371>
- 3 - A comunidade que nos legou um maior conjunto de evidências arqueológicas das suas construções foi Merimde-Beni-Salame, escavada antes da Segunda Guerra Mundial. O sítio, localizado no deserto a sudoeste do Delta, foi reconstruído três vezes antes de ser abandonado e engolido pelas areias do deserto (Cf. E. P. UPHILL, *Egyptian Towns and Cities*, Buckinghamshire: Shire Publications, 2001, pp. 10, 11). Vide N. GRIMAL, *Histoire de l'Égypte ancienne*, Paris: Fayard, 1988, p. 30; K. BARD, S. SHUBERT, *Encyclopedia of the Archaeology of Ancient Egypt*, London/ New York: Routledge, 1999, pp. 603-608, 669-672, 715-717, 1049-1051, K. BARD, *An Introduction to the Archaeology of Ancient Egypt*, Oxford: Blackwell Publishing, 2007, pp. 84-87, 91-101.
- 4 - Usamos aqui, respectivamente, as expressões usadas por Nicolas Grimal para classificar este período da história do antigo Egípto (N. GRIMAL, *Histoire de l'Égypte ancienne*, p. 21) e por Toby Wilkinson para aludir às origens inestimáveis da sofisticada cultura nilótica (T. WILKINSON, *The rise and fall of Ancient Egypt. The History of a Civilisation from 3000BC to Cleopatra*, London, Berlin, New York: Bloomsbury, 2010, p. 15).

pharaonique, le temps où l'agriculteur s'assurait la domination sur le monde sauvage. L'organisation de la société se fait sur une base agricole: l'habitat se fixe sous forme des fermes dédiées autant à l'élevage qu'à la culture. Des silos y conservent les produits des champs, essentiellement blé et orge; on y pratique également, outre la poterie, la vannerie, déjà la filature du lin et le corroyage, ainsi que l'élevage d'ovins, caprins, porcins et bovidés. Autant d'activités qui ne changeront guère au cours des millénaires suivants»⁵. Paralelamente, é realmente a esta época que remonta o conceito de cidade egípcia, bem como a planificada organização urbana que se acentuaria na época histórica⁶.

Alguns artefactos pré-dinásticos provam que o Egípto se cobriu de verdadeiros centros fortificados e ilustram os aglomerados urbanos da época com representações bem expressivas de espaços rectangulares ou quadrangulares, rodeados por muralhas com um conjunto de saliências que sugerem pequenos bastiões avançados, com ameias, que permitiriam cobrir todos os ângulos de tiro com arco e flechas⁷.

Entre os mais representativos encontram-se as conhecidas *Paleta dos Libios*, *Paleta do Touro* (Fig. 1) e *Paleta de Narmer*. A primeira, feita em xisto cinzento, actualmente com 18,5 cm (originalmente com c. 70 cm x 21 cm), data da última época pré-dinástica e comemora uma vitória militar de um soberano de Hieracômpolis e dos seus aliados sobre as forças inimigas ou a fundação de cidades pelo soberano. Proveniente, eventualmente, de Abido, encontra-se hoje no Museu do Cairo (JE 27434; CG 14238)⁸. São visíveis sete cidades amuralhadas, todas com bastiões projectados para o exterior, encimadas por um animal (falcão, escorpião, leão...), identificado como insígnia, além de outros animais, plantas ou símbolos colocados no espaço interior da cidade que constituem o seu nome em hieróglifos. A segunda, feita de grauaque (erradamente chamado «xisto verde»), é proveniente de Hieracômpolis e está exposta no Museu do



Fig. 1 - Paleta do Touro.

5 - N. GRIMAL, *Histoire de l'Égypte ancienne*, pp. 30, 31.

6 - Cf. N. GRIMAL, *Histoire de l'Égypte ancienne*, p. 37.

7 - Cf. D. VALBELLE, *La vie dans l'Égypte ancienne*, Paris: PUF, 1988, p. 76; Vide M. ÉTIENNE «A propos des représentations d'enceintes crénelées sur les palettes de l'époque de Nagada III», *Archéo-Nil*, 9 (1999), pp. 149-163; B. MIDANT-REYNES, *Aux origines de l'Égypte. Du Néolithique à l'émergence de l'État*, Paris: Fayard, 2003.

8 - Vide http://www.ancient-egypt.co.uk/cairo%20museum/cm,%20palette/pages/egyptian_museum_cairo_6009.htm.

Louvre (E 11255)⁹. Tem 26,5 cm de altura e data também da época pré-dinástica (Nagada III). Apresenta na parte central um leão e um recipiente (para líquidos ou sólidos) rodeados por uma muralha com os mesmos bastiões observados na *Paleta dos Libios*. Não obstante os desajeitados esquemas iconográficos, uma vez mais, podemos estar ou perante uma cidade conquistada, no interior da qual está inscrito o seu nome em hieróglifos, ou de uma fundação real, representando o leão o soberano, uma vez que as muralhas não estão destruídas. No registo inferior observa-se igualmente a parte superior de outra muralha, indicando que a superfície da paleta apresentava então mais do que uma cidade. A *Paleta de Narmer*, descoberta, em 1897, por James E. Quibell, em Hieracômpolis, também de xisto, mede 64 cm de altura por 42 cm de largura e encontra-se exposta no Museu do Cairo (JE 32169; CG 14716)¹⁰. No registo inferior do recto desta paleta, um touro, simbolizando o rei do Egito, destrói com a sua cornamenta uma cidade fortificada e o poder nela congregado (inimigo ajoelhado) e prossegue assim a imagética da conquista e da vitória do período pré-dinástico. O nome da cidade ou fortaleza atacada e vencida está escrito no interior da área amuralhada, mas a sua leitura é desconhecida¹¹.

Embora a maior parte do local esteja presentemente enterrado sob vários metros de aluvião e, por isso, não possamos ter uma ideia precisa e definitiva sobre a sua topografia, tudo leva a crer que a primeira cidade do país unificado, Mênfis, a julgar pelo seu nome Ineb-hedj, «Muros brancos», teria igualmente uma muralha (revestida de argamassa branca) que envolveria os seus bairros principais.

A urbanização e a intensificação da agricultura e da pecuária foram ainda factores estimulantes de uma alteração social até então sem precedentes, que, no final, resultaria, no IV milénio a.C., na própria emergência e afirmação do faraonato como instituição *sui juris* reguladora da vida no mais antigo Estado do mundo¹². A construção piramidal, iniciada na III dinastia com o faraó Djoser, e prosseguida com visíveis resultados ainda nessa dinastia (Meidum), na IV (Dahchur, Guiza), na V (Abusir, Sakara) e na VI dinastias (Sakara), por faraós como Huni, Seneferu, Userkaf, Unas ou Teti, constituiu um poderoso estímulo para o progressivo desenvolvimento da vida urbana perto dos complexos piramidais. O mesmo, aliás, se pode aplicar aos mais importantes templos construídos na altura, à volta dos quais se fixaram as habitações dos sacerdotes, os bairros dos trabalhadores e dos funcionários da administração egípcia¹³.

A dualidade geográfica estrutural que se conhece para o Egito forjou-se a partir dessa altura: no Alto Egito, de clima mais «continental», de vida rude e mais difícil, os agrupamentos humanos

9 - Vide http://cartelr.louvre.fr/cartelr/visite?srv=obj_view_obj&objet=cartel_670_688_e004275.002.jpg_obj.html&flag=false.

10 - Vide http://en.wikipedia.org/wiki/File:Narmer_Palette.jpg.

11 - Cf. P. TALLET, «Remarques sur la fondation des villes en Égypte pharaonique», *Histoire Urbaine*, 2 (2005), n° 13, p. 33-50.

12 - Cf. T. WILKINSON, *The rise and fall of Ancient Egypt*, pp. 24-26 ; D. VALBELLE, *La vie dans l'Égypte ancienne*, pp. 6, 7 ; D. VALBELLE, *Histoire de l'État pharaonique*, Paris: PUF, 1998, p. 7 ; G. ANDREU, «Le peuple des pyramides», em *L'Égypte ancienne*, Paris: Seuil, 1996, p. 138 ; F. HASSAN, «Cities» em D. Redford (ed.), *The Oxford Encyclopedia of ancient Egypt*, Volume 1, Oxford, Oxford University Press, 2001, p. 268.

13 - Cf. M. BIETAK, «Urban Archaeology and the "Town Problem" in ancient Egypt», pp. 130, 131. Este aspecto das cidades que se desenvolveram em torno dos templos voltaria a marcar a urbanização egípcia no Império Novo, especialmente com o caso do templo de Amon, em Karnak-Tebas.

alcançam densidades pouco elevadas. Ainda assim, surgem aí cidades importantes, como Elefantina, Edfu, Dendera, Coptos, Tebas, Abido, Siut e Hermópolis. Em sentido oposto, o Baixo Egito, de clima mais temperado, conhece maior concentração de núcleos urbanos e densidades populacionais mais elevadas em cidades como Buto, Sais, Bubástis, Heliópolis, Mendés e Tânis¹⁴.

Não surpreende, assim, portanto, que, no final do Império Antigo, o Vale do Nilo apresentasse já um considerável número de cidades amuralhadas, de diferentes tamanhos e características, reconhecidas como centros administrativos e simbólicos, cuja origem mais recuada eram as cabanas dos tempos pré-históricos e proto-históricos, habitações que, porém, feitas de materiais perecíveis ou perdidas sob as modernas povoações, não chegaram naturalmente intactas aos nossos dias¹⁵.

Para a restante época histórica, em contraste com a abundância de vestígios de arquitectura destinada aos deuses e aos mortos (templos divinos, *hut-netjer*, «morada da divindade», e templos funerários, *hut em hehen renput*, ou, como os Egípcios os designavam, «morada dos milhões de anos»), construções feitas de pedra (*hedj*), o material da eternidade, são realmente muito poucos os exemplos de arquitectura doméstica, civil, egípcia. Desde logo, porque, devido às próprias características do clima, esta arquitectura usava materiais perecíveis, sobretudo os blocos de adobe (em egípcio *djebet*¹⁶) secos ao sol (à base de misturas de argila, água, palha, areia ou estrume), os troncos de palmeiras para arquivates e vigas, num país onde faltava madeira de boa qualidade, e o papiro, os lótus, os juncos e outros vegetais para a decoração¹⁷. O soalho era, geralmente, de terra batida, podendo, porém, de acordo com as posses dos proprietários, ser revestido com lajes de pedra. No entanto, como alerta Dominique Valbelle: «(...) la modestie des cabanes qu'habitaient les communautés contraintes par leur fonction de séjourner dans les déserts n'a pas empêché ces constructions, souvent élevées en pierre sèche par

14 - C. LALOUETTE, *Au royaume d'Égypte. Le temps des rois-dieux*, Paris: Fayard, 1991, p. 19; B. J. KEMP, «The early development of towns in Egypt», pp. 186-192; F. CIMMINO, *Vida cotidiana de los Egipcios*, Madrid: EDAF, 2002, pp. 243, 248; D. O'CONNOR, «The Geography of Settlement in Ancient Egypt», em Peter J. Ucko, Ruth Tringham, G. W. Dimbleby (eds.) *Man, Settlement and Urbanism*, London: Duckworth & Co., 1972, pp. 681-698; L. TROY, «Resource management and ideological manifestation», pp. 5-9; F. HASSAN, «Cities», pp. 268-271; K. BARD, S. SHUBERT, *Encyclopedia of the Archaeology of Ancient Egypt*, pp. 208-213, 921-924, 946-949.

15 - Cf. B. J. KEMP, «The early development of towns in Egypt», p. 192; A. ENDRUWEIT, «Casas, ciudades y palacios: la cultura residencial», em Regine Schulz, Matthias Seidel (eds.), *Egipto. El mundo de los faraones*, Colônia: Könemann, 1997, p. 387.

16 - Da expressão egípcia *djebet*, derivou o árabe *djebie*, o nosso adobe. Além de barato e fácil de fabricar, o adobe era capaz de refractar o calor, o que nos permite afirmar que as construções egípcias em adobe eram frescas no Verão e quentes no Inverno.

17 - Cf. L. PFIRSCH, «Urbanisme et architecture civile» em *Dictionnaire de l'Égypte ancienne*, Paris: Encyclopédie Universalis/ Albin Michel, 1998, p. 401. O fabrico de adobes era uma actividade muito desenvolvida no Egito antigo e aparece-nos particularmente ilustrada em pinturas parietais no túmulo de Rekhmiré (TT100), em Cheikh Abd el-Gurna, Tebas Ocidental. Os adobes eram fabricados manualmente, colocando-se em moldes de madeira a pasta resultante da mistura de água, lodo do Nilo, areia, palha ou estrume, secando depois ao sol durante dois a cinco dias. A mistura de palha ao lodo de aluvião do Nilo aumentava em três vezes a resistência à rotura dos blocos de adobe devido a uma substância química nela contida, semelhante ao ácido tânico ou tanino, que altera as propriedades da argila (Cf. J.-C. GOYON, J.-C. GOLVIN, C. SIMON-BOIDOT, G. MARTINET, *La construction pharaonique du Moyen Empire à l'Époque Gréco-romaine. Contexte et principes technologiques*, Paris: Picard, 2004, pp. 15-109).

manque d'eau, de mieux résister au temps et à la concentration urbaine que les riches villas bâties dans la vallée»¹⁸.

As características geográficas foram também outro dos factores responsáveis pelo desaparecimento dos testemunhos desse tipo de arquitectura. As variações de nível do solo (aluvião do Nilo e acumulação de limo pela inundação) e do nível do lençol freático dificultam também as escavações arqueológicas e a eventual recuperação de alguns locais com interesse arquitectónico¹⁹.

Não despidendo foi também o efeito destrutivo resultante da acção do homem ao longo dos séculos, bem materializado numa prática habitual das populações campesinas, ainda hoje temida pelos arqueólogos, de utilizarem as substâncias orgânicas provenientes da degradação dos adobes utilizados nas construções antigas (*sebakh*) para a fertilização das terras ou como combustível²⁰.

Frequentemente, os conhecimentos que hoje possuímos incidem sobre detalhes da arquitectura desses locais e pouco mais e, mesmo assim, a reconstituição que se faz das habitações (*per*, *pr*, ou *hut*, *ḥwt*), baseia-se, na maior parte das vezes, em maquetas de calcário, de cerâmica e de madeira, em baixos-relevos, em pinturas em papiros e nos poucos vestígios que subsistiram e que algumas escavações arqueológicas trouxeram à luz do dia.

Entre as maquetas de madeira de que hoje dispomos, saliente-se a maqueta da casa de Meketré, do Império Médio, encontrada no túmulo (TT280) deste alto funcionário da XI dinastia (reinados de Mentuhotep II e Mentuhotep III, c. 2000 a. C.), em Deir el-Bahari, feita de madeira de conífera pintada, com 84 cm de comprimento por 42,5 cm de largura e 39,5 cm de altura, hoje exposta no Metropolitan Museum of Arts de Nova Iorque²¹: mostra-nos a parte exterior de uma luxuosa habitação, com fachada com duas portas e uma janela de treliça, o pórtico (suportado por duas fileiras de quatro colunas fasciculadas papiriformes), o telhado com três gárgulas e um jardim com lago, rodeado de sicómoros com frutos vermelhos crescendo nos seus ramos²². No que se refere às maquetas de calcário, as que chegaram até nós (ex.: British Museum EA 2462 e EA 27526) apresentam habitações em forma de torre, com vários pisos, feitas pela sobreposição de várias fiadas de adobes, sendo

18 - D. VALBELLE, *La vie dans l'Égypte ancienne*, pp. 28, 29.

19 - Cf. H. W. FAIRMAN, «Town planning in Pharaonic Egypt», *Town Planning Review*, Vol. 20, Number 1 (1949), pp. 32-51.

20 - O azoto é o composto químico mais importante presente nos adobes egípcios, resultante da pasta alcançada pela mistura da água, lodo do Nilo, palha, areia ou estrume. Dá-se o nome de *sebakhim* a estes «camponeses-pesquisadores» de *sebakh*. Relembre-se que foi uma camponesa que revolveu depósitos de *sebakh* quem, em 1887, descobriu acidentalmente, em Amarna, mais de trezentas tabuinhas de argila, em escrita cuneiforme, que constituíam os arquivos da correspondência oficial egípcia com os povos vizinhos («Cartas de Amarna»).

21 - Metropolitan Museum of Arts, nº 20.3.13 - <http://www.metmuseum.org/Collections/search-the-collections/100000477>. Cf. K. BARD, *An Introduction to the Archaeology of Ancient Egypt*, pp. 177, 178.

22 - Cf. A. ENDRUWEIT, «Casas, ciudades y palacios: la cultura residencial», p. 389; M. RICE, *Who's who in Ancient Egypt*, London & New York: Routledge, 2002, p. 107; B. PORTER, R. L. B. MOSS, *Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs and Paintings, I. The Theban Necropolis, part one: Private Tombs*, Oxford: Griffith Institute, 1994, pp. 359-364.

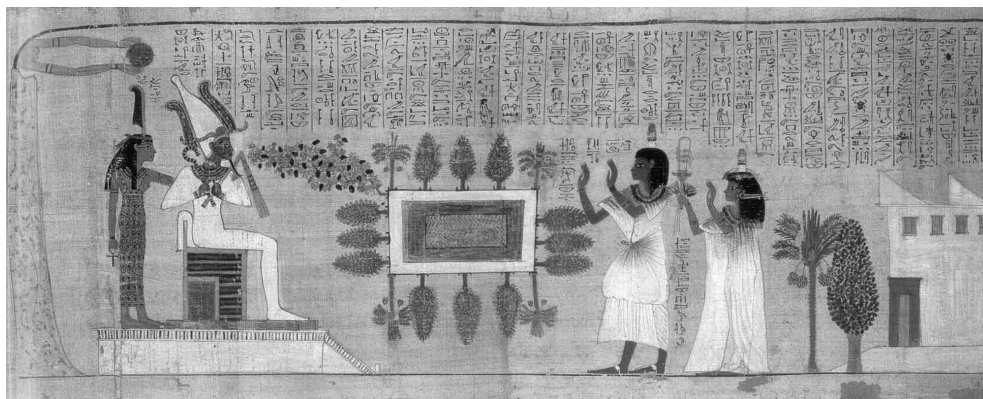


Fig. 2 - Vinheta do Livro dos Mortos de Nakht (XVIII dinastia), do Museu Britânico (BM 10471).

que os edifícios vão estreitando à medida que se vão elevando. São dotadas de várias janelas e de terraços nos pisos superiores²³.

Entre outras fontes, anotamos como exemplos: 1) a vinheta do «Livro dos Mortos» de Nakht (XVIII dinastia), do Museu Britânico (BM 10471), em que se vê o proprietário com a esposa, Tuyuiu, diante dos deuses Osiris (sentado, entronizado) e Maet (de pé). Na composição é visível uma habitação com quatro janelas de glosias que, ao mesmo tempo que inibiam olhares indiscretos, permitiam a entrada dos raios solares. No telhado notam-se duas construções adicionais de madeira, de forma triangular, vistas de perfil, destinadas a conduzir através das aberturas frontais o vento do norte, dominante no Egito, até ao interior da habitação²⁴ (Fig. 2) a pintura do túmulo do governador de Tebas, Sennefer (TT96), situado em Cheikh Abd el-Gurna, também da XVIII dinastia, Império Novo²⁵, mostrando um jardim situado nas margens do Nilo ou de um seu canal, rodeado por um muro. Além das árvores (figueiras-sicómoros, palmeiras-tamareiras e palmeiras), da parcela que representa uma plantação de vinha (*Vitis vinifera*) e dos quatro lagos artificiais com patos, flores de lótus e plantas de papiro em seu redor formando vários canteiros, é visível, à esquerda, uma habitação, de um andar, feita de adobes, com duas portas e duas janelas de duas folhas com grades. A parte superior da habitação está representada de forma a ver-se o seu interior e apesar de nos aparecerem três andares sobrepostos estamos, na realidade, perante três salas contíguas²⁶ (Fig. 3), uma pintura do túmulo de Minnakht (TT87), em Cheikh Abd el-Gurna, da XVIII dinastia (reinado de Tutmés III), mostra uma habitação, representada em plano, com um jardim com frondosas árvores de fruto (figueiras-sicómoros ou figueira do

23 - Vide http://www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight_image.aspx?image=k68414.jpg&retpage=15397 e http://www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight_image.aspx?image=ps160183a.jpg&retpage=15495.

24 - Cf. A. ENDRUWEIT, «Casas, ciudades y palacios: la cultura residencial», p. 392; M. CARROLL, *Earthly Paradises. Ancient Gardens in History and Archaeology*, London: British Museum Press, 2003, p. 9.

25 - Sennefer, que serviu o faraó Amenhotep II, ostentava também os títulos de administrador dos celeiros e dos gados e de intendente do jardim de Amon, no templo de Karnak.

26 - Cf. B. PORTER, R. L. B. MOSS, *Topographical Bibliography*, pp. 197-203; A. ENDRUWEIT, «Casas, ciudades y palacios: la cultura residencial», p. 386.

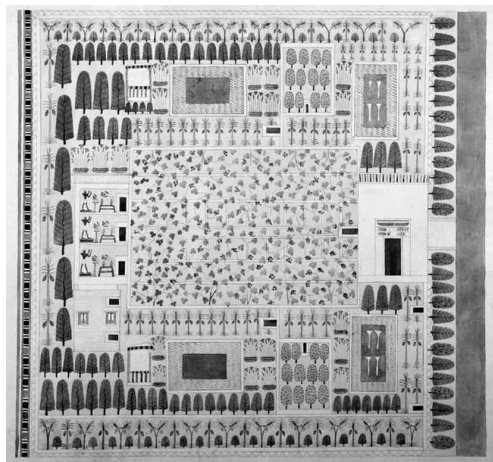
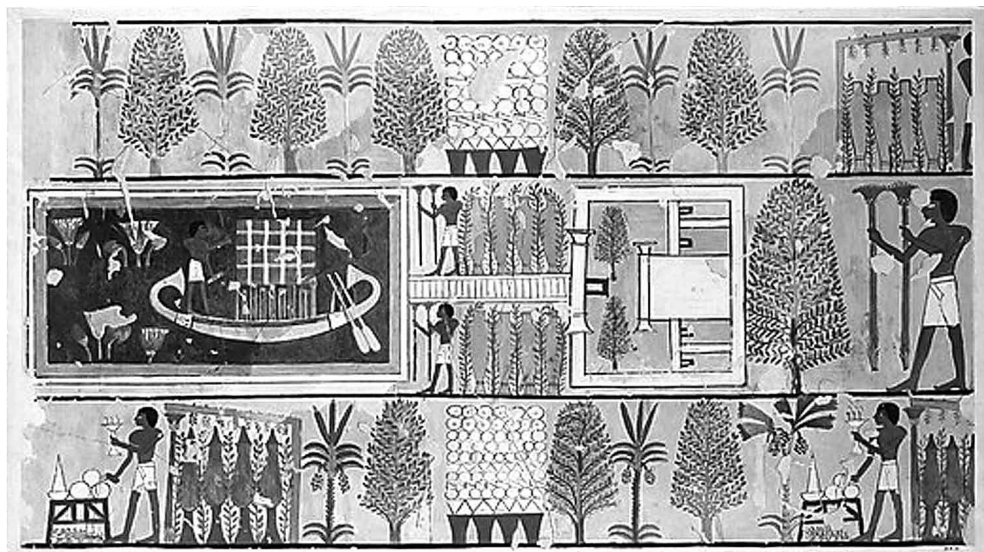


Fig. 3 - Pintura do túmulo de Sennefer (TT96). Cheikh Abd el-Gurna, XVIII dinastia, Império Novo.

Egipto, palmeiras de Tebas e palmeiras-tamareiras) e um grande lago onde, por entre lótus azuis e lótus brancos, se desloca uma embarcação²⁷ (Fig. 4), uma pintura do túmulo de Rekhmiré (TT100), em Cheikh Abd el-Gurna, também da XVIII dinastia, que nos mostra um lago e várias árvores de fruto (figueiras-sicómoros, palmeiras de Tebas, palmeiras-tamareiras, videiras) e plantas (lótus azul e lótus branco) em seu redor e cuidadas por vários servidores, ao mesmo tempo que representa uma habitação de uma só porta, voltada para o lago central²⁸ (Fig. 5) a pintura detalhada das várias divisões da casa de Djehutinefer patente no seu túmulo (TT104), em Cheikh Abd el-

Gurna (XVIII dinastia; reinado de Amenhotep II). As três partes da habitação estão sobrepostas, mas reproduzem três salas dispostas horizontal e sucessivamente. A sala principal da casa, na qual o dono do túmulo recebe produtos confeccionados, tem as janelas características junto ao

Fig. 4 - Pintura do túmulo de Minnakht (TT87). Cheikh Abd el-Gurna, XVIII dinastia (reinado de Tutmés III).



27 - Cf. B. PORTER, R. L. B. MOSS, *Topographical Bibliography*, p. 179; Minnakht era superintendente dos celeiros do Alto e do Baixo Egipto, superintendente dos cavalos do senhor das Duas Terras e escriba real de Tutmés II.

28 - Cf. B. PORTER, R. L. B. MOSS, *Topographical Bibliography*, pp. 206-214.

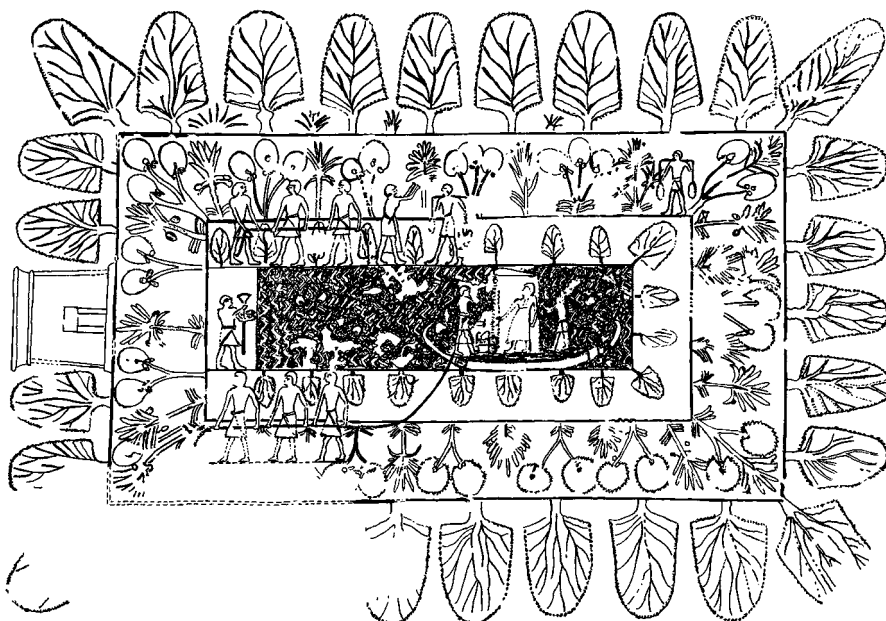


Fig. 5 - A partir de uma pintura do túmulo de Rekhmiré (TT100). Cheikh Abd el-Gurna, XVIII dinastia.

tecto, com uma porta de dois batentes e uma passagem de luz por cima. Através de uma escada pode alcançar-se o telhado, no qual se encontram cinco celeiros e dois fornos²⁹ (Fig. 6).

65

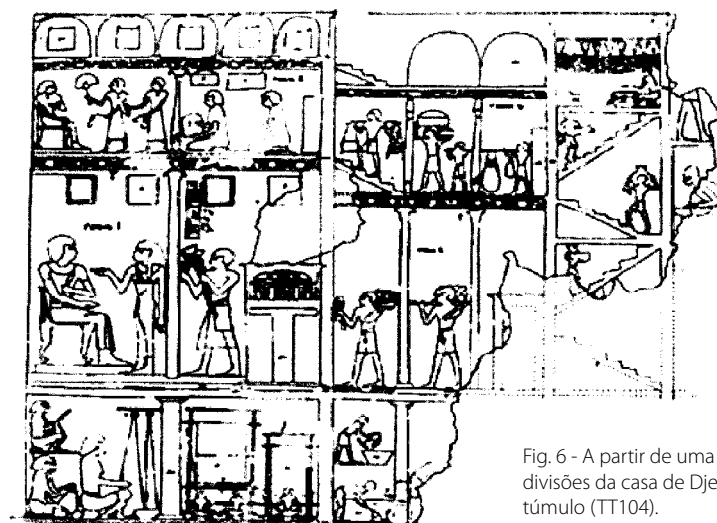




Fig. 6 - A partir de uma pintura detalhada das várias divisões da casa de Djehutinefer patente no seu túmulo (TT104).

29 - Cf. A. ENDRUWEIT, «Casas, ciudades y palacios: la cultura residencial», p. 393; B. PORTER, R. L. B. MOSS, *Topographical Bibliography*, p. 218. Esta lista de pinturas que nos mostram habitações pode, naturalmente, ser ampliada com a inclusão de outras, como, por exemplo, dos túmulos de Neferfotep (TT49), em Khokha; do TT334, de proprietário desconhecido, em Dra Abu el-Naga; de Amenmés (TT19), em Deir el-Medina; de Thay, também chamado To (TT23), em Deir el-Medina; de Ipuy (TT217), também em Deir el-Medina.

1. Conceito, evolução e tipologias de «cidade»

Embora o conceito de cidade não seja obviamente similar ao que hoje utilizamos, de ter, ao longo da longa história egípcia, sofrido algumas transformações, e de não se dever comparar ao que existiu, por exemplo, na Mesopotâmia ou na Grécia antiga, onde pululavam as «cidades-estado», é hoje comumente aceite que podemos falar em cerca de uma centena de locais classificáveis com a designação de «cidade»³⁰.

Apesar de podermos constatar para o Egito antigo áreas de uma maior concentração populacional e outras de menor densidade populacional, como mencionámos antes, os nossos critérios de análise não podem todavia fixar-se, por exemplo, em definições estatísticas sobre a densidade populacional. Esse critério não é relevante no caso do antigo Egito³¹. Daí a dificuldade de distinguir claramente «cidades», «aldeias», «povoações»...

Os próprios Egípcios não estabeleciam distinções filológicas muito apertadas para classificar os vários tipos de aglomerados populacionais com que conviveram no seu território. Daí a definição-concepção, segundo o critério filológico, de «civilização sem cidades», contrariada, porém, pelo desenvolvimento e pelos estudos de arqueologia urbana. Só no Império Novo surge a diferença entre *niut* (*niwt*), que era um aglomerado urbano mais desenvolvido, resultante de um crescimento natural ao longo dos tempos (aquilo que em inglês se designa por *city* e que, em português, poderíamos designar como «metrópole»), e *demi* (*dmi*), um aglomerado urbano, de maiores ou menores dimensões, planificado segundo vários critérios (aquilo que, em inglês, se apelida de *town*; a nossa vulgar «cidade») ³². Da mesma forma, com uma certa elasticidade terminológica usaram dois ideogramas para se referirem a espaços delimitados por muros:  *hut* (G O6) e  *niut* (G O49). O primeiro indicava uma instalação rectangular rodeada por uma parede/por um muro, deixando entrever, no canto inferior direito, uma porta de entrada. O outro representava uma povoação de forma arredondada (circular ou oval), rodeada por uma muralha, no interior da qual se traçava um simplificado sistema de ruas que se cruzavam ³³.

30 - Moreno García menciona 178 pequenas «cidades», a par das 1125 aldeias que podem ter existido durante o período faraónico (Cf. J. C. MORENO GARCÍA, «Village», em Elizabeth FROOD, Willeke WENDRICH (eds.), *UCLA-Encyclopedia of Egyptology*, Los Angeles, 2011, p. 2 - <http://digital2.library.ucla.edu/viewItem.do?ark=21198/zz0026vtgm>).

31 - Cf. M. BIETAK, «Urban Archaeology and the “Town Problem” in ancient Egypt», pp.98. Este autor considera mesmo que efectuar um estudo com base nesse critério seria um «methodological error» (M. BIETAK, «Urban Archaeology and the “Town Problem” in ancient Egypt» p. 98).

32 - Cf. E. P. UPHILL, *Egyptian Towns and Cities*, p.6; Barry Kemp alude à ambiguidade e arbitrariedade associada aos termos «city» e «town» em língua inglesa (Cf. B. J. KEMP, *Ancient Egypt: anatomy of a civilization*, p. 194). Vide também M. BIETAK, «Urban Archaeology and the “Town Problem” in ancient Egypt» pp. 99, e J. C. MORENO GARCÍA, «Village», pp. 1, 3; L. TROY, «Resource management and ideological manifestation», pp. 3-5; F. HASSAN, «Cities», p. 268.

33 - É preciso, todavia, reconhecer que esta ideia de que o hieróglifo para *niut* representa a estrutura básica de uma povoação é altamente especulativa (Cf. J. C. MORENO GARCÍA, «Village», p. 2). No início do Império Novo, nas fontes literárias e administrativas, o termo *niut* é oposto ao de *sekhet*, «campo», «pântano» (Cf. J. C. MORENO GARCÍA, «Village», pp. 2,3). Uma recente interpretação deste signo associa-o com desenhos encontrados em cerâmicas pré-dinásticas representando bacias aquáticas ou sistemas de canais, sendo a

Nenhum dos signos nos permite, porém, conclusões sobre as suas dimensões.

Alguns textos incluem entre os seus termos alguns epítetos e cargos ou títulos que estão estreitamente associados à cidade: são os casos de *ankh en niut*, (*nḥ n niwt*), «aquele que vive na cidade» ou «soldado» (sendo muitas vezes o homem armado com lança e escudo, o lanceiro), de *sen en niut*, (*s n niwt*), «o homem da cidade» ou «cidadão», e de *netjer-niut*, (*ntr niwt*), «o deus da cidade» ou «deus local»³⁴. Apesar de constituírem elementos definidores de uma importante identificação social, também nestes casos não possuímos outros elementos que nos permitam aferir da grandeza dos aglomerados urbanos envolvidos.

Como, então, caracterizar uma «cidade» do antigo Egipto? O que era uma «cidade» nos tempos faraónicos? Como se define uma «cidade» do vale do Nilo? Desde logo, há que trabalhar com uma classificação que distingue os aglomerados que se desenvolveram natural ou organicamente, geralmente como tradicionais centros de culto (por exemplo, Hieracômpolis), e os que foram artificialmente planeados e construídos por decisão da administração central egípcia (como Mênfis, Kahun, Amarna e Pi-Ramsés)³⁵. As cidades do primeiro tipo desenvolveram-se sem planeamento prévio preciso. As do segundo tipo resultaram de um acto de vontade dos soberanos.

Uma outra classificação pode ser estabelecida com base na qualidade ou função dominante de uma cidade, sendo que algumas cidades podiam combinar várias dessas qualidades/funções ou especializarem-se numa delas: residência da corte; capital do Egipto; capital de *nomos*; centro religioso; cidade de fronteira (centro defensivo ou ofensivo); cidades-porto (com fins essencialmente económicos ou de base naval); centro económico, conjugando vias terrestres com vias fluviais; centros industriais (cerâmicas, metais, têxteis, etc.)³⁶.

Construídas em terrenos elevados, devido à inundaçãõ anual do Nilo, mas relativamente perto do rio, que constituiu a principal via de comunicação do país, em todas as épocas, as cidades egípcias possuíam pelo menos um núcleo central (espécie de «centro urbano»), organizado em torno de um templo ou dos edificios administrativos. As grandes e importantes cidades podiam possuir mais do que um grande templo e serem dotadas de portos fluviais (ex.: Mênfis³⁷).

Em termos operatórios, sem sermos exaustivos, podemos dizer que no antigo Egipto havia, portanto, vários tipos de cidades:

- 1) cidades-capitais provinciais: centros urbanos onde residiam os governadores dos *sepaut/nomoi*. Face ao enfraquecimento do poder central, estas capitais, um misto de

etimologia do termo relacionada com o verbo *nwi*, «para cuidar de» ou «prover» ou com o significado de «local/ ponto de encontro» (Cf. L. TROY, «Resource management and ideological manifestation», p. 3).

34 - Cf. J. C. MORENO GARCÍA, «Village», p. 6.

35 - Cf. M. BIETAK, «Urban Archaeology and the "Town Problem" in ancient Egypt» pp. 104; K. BARD, S. SHUBERT, *Encyclopedia of the Archaeology of Ancient Egypt*, pp. 1030-1031.

36 - Cf. M. BIETAK, «Urban Archaeology and the "Town Problem" in ancient Egypt» pp. 104.

37 - Mênfis, com os seus 460 ha, ocupava uma posição geográfica chave, estratégica, ímpar, na embocadura do delta do Nilo, na charneira entre o Alto e o Baixo Egipto, que lhe valeu o epíteto de Mekhat-taui, «A balança das Duas Terras», e tinha no concorrido porto de Peru-nefer o seu principal porto fluvial (Cf. J. C. SALES, *Poder e Iconografia no antigo Egipto*, Lisboa: Livros Horizonte, 2008, pp. 49, 55).

centros administrativos e de cidades-mercado, adquiriram grande projecção e foram mesmo sedes dinásticas³⁸.

- 2) cidades dos trabalhadores: merecem especial destaque os assentamentos urbanos de Kahun, de Deir el-Medina («*Ta set en maet*», «o lugar da verdade»), de Amarna (Akhetaton). Em todos estes casos, estamos perante cidades planeadas, criadas *ex-nihilo*, para responder a uma função precisa ou face a excepcionais circunstâncias históricas.
- 3) cidades palacianas: locais históricos vocacionados para albergar a residência real. Podem agrupar-se nesta categoria cidades como Kahun, Gurob³⁹, Uaset-Tebas, Amarna, Pi-Ramsés⁴⁰, Heracleópolis, Auaris, Tânis, Sais e Napata⁴¹.
- 4) cidades de fronteira: pontos de partida de expedições militares situadas nas zonas fronteiriças (ex.: a sul, Elefantina, antiga Abu, capital do 1º *nomos* do Alto Egipto, voltada essencialmente para a Núbia)⁴². Nesta categoria incluem-se ainda cidades como Buhen, na Núbia (erigida por Amenemhat I e seu filho Senuseret I, durante o período de co-regência, no Império Médio)⁴³ e Sesebi, na zona de Kuch (construída por Akhenaton, entre a II e a III cataratas, no início do seu reinado)⁴⁴.
- 5) cidades funerárias: grandes cidades afectas à manutenção do culto funerário de

38 - Ver mapas com a localização dos vários *nomoi* do Alto e do Baixo Egipto e respectivas cidades em J. BAINES, J. MÁLEK, *Atlas of Ancient Egypt*, Oxford: Phaidon Press Ltd., 1984, pp. 14, 15.

39 - Gurob foi escavada por Flinders Petrie em 1889-1890. A sua área urbana media cerca de 238 X 233 m, ou seja, um pouco mais de 5,5 ha, e estava dividida em três partes: a cidade do sul, a cidade principal e a cidade do norte (Cf. E. P. UPHILL, *Egyptian Towns and Cities*, pp. 33, 35; L. MESKELL, *Vies privées des Égyptiens*, pp. 52, 53). A cidade, em egípcio chamada de Mi-Uer, foi construída no reinado de Tutmés III e foi ocupada pelo menos até ao reinado de Ramsés V. Albergava um harém real e talvez tenha também sido usada como local-escala das viagens reais entre o Alto e o Baixo Nilo (Cf. L. MESKELL, *Vies privées des Égyptiens. Nouvel Empire (1539-1075)*, Paris: Éditions Autrement, 2002, p.53). Vide também K. BARD, S. SHUBERT, *Encyclopedia of the Archaeology of Ancient Egypt*, pp. 429-433.

40 - Cf. P. LACOVARA, *The New Kingdom Royal City*, New York: Dover Publications Inc., 1997.

41 - Cf. L. TROY, «Resource management and ideological manifestation», pp. 26-29; K. BARD, S. SHUBERT, *Encyclopedia of the Archaeology of Ancient Egypt*, pp. 441-443; K. BARD, *An Introduction to the Archaeology of Ancient Egypt*, pp. 272-275.

42 - A cidade de Elefantina, situada na ilha de Elefantina (Gezirat al-Asuan), tinha um porto e é descrita nos textos antigos como o bastião meridional egípcio e um centro comercial do Egipto com a Núbia no Império Antigo (Cf. M. BIETAK, «Urban Archaeology and the “Town Problem” in ancient Egypt» pp.108, 109; B. J. KEMP, *Ancient Egypt: anatomy of a civilization*, p. 197).

43 - Desde 1964 submersa, a 65 m de profundidade, no Lago Nasser-Nuba devido à construção da barragem de Assuão, a cidade núbica de Buhen apresentava uma área de 6,3 ha, tendo 420 m no sentido norte-sul e 150 m no sentido este-oeste. A muralha, com 6,5 m de altura por 2,15 m de espessura, contava com 32 bastiões arredondados (Cf. E. P. UPHILL, *Egyptian Towns and Cities*, p.35; F. HASSAN, «Cities», p. 272). As campanhas devastadoras de Senuseret III (nos anos 8, 10, 16 e 19 do seu reinado) visando proteger a fronteira sul do Egipto das incursões dos belicosos vizinhos e garantir o domínio da fronteira sul e das suas rotas comerciais e mineiras revelam a importância que a Baixa Núbia adquirira para o Egipto como *interface* entre o país e a Alta Núbia e, além da entrada definitiva em funcionamento da linha de oito fortificações que completou e ampliou a política iniciada por Senuseret I, foram acompanhadas igualmente pelo estabelecimento de uma administração separada para as questões do Sul (Elefantina e Baixa Núbia), através de um conselho de grandes dignitários (*djadjat*) que reportava directamente ao vizir (Cf. P. A. CLAYTON, *Chronique des pharaons. L'histoire règne par règne des souverains et des dynasties de l'Égypte ancienne*, Paris: Casterman, 1995, p. 85).

44 - Sesebi, rodeada por muros (com 4-5 metros de altura e de espessura), tinha forma rectangular (270 X 220 m) num total de 5,4 ha. Foi escavada em 1936-37 por A. M. Blackman (Cf. E. P. UPHILL, *Egyptian Towns and Cities*, p.36).

monarcas tumultados nas suas casas de eternidade⁴⁵. Era nestas comunidades urbanas destinadas à satisfação das necessidades eternas dos faraós no Além que os sacerdotes do *ka* viviam e desempenhavam as suas funções litúrgicas. Guiza⁴⁶, as 160 cidades egípcias e as 9 na Síria e em Kuch dedicadas ao culto funerário de Ramsés III, segundo o *Papiro Harris*, e, sobretudo, Medinet Habu, onde se localizava a mais importante «morada dos milhões de anos» (de Ramsés III), são exemplos de cidades funerárias que merecem destaque. Nesta categoria, podem também alistar-se as cidades de Kahun e Deir el-Medina, pois a sua planificação é feita para os funcionários da administração egípcia e para os trabalhadores cujas actividades se desenvolviam em torno do culto funerário⁴⁷. Neste sentido, Guiza, Kahun e Deir el-Medina são «cidades das pirâmides» ou, mais exactamente, do culto funerário: a primeira do Império Antigo, a segunda do Império Médio e a terceira do Império Novo.

- 6) cidades imperiais: onde se destacam as prestigiadas Mênfis-Mennefer, «Estável e bela»⁴⁸, Heliópolis-lunu, a «cidade do Sol e das colunas» (= obeliscos)⁴⁹, Tebas-Uaset, «A poderosa»⁵⁰, Akhetaton, «horizonte de Aton»⁵¹ e Pi-Ramsés, «A casa de Ramsés»⁵².

45 - No Império Antigo, como indicam os textos administrativos, estas cidades eram chamadas «cidades das pirâmides» (Cf. A. ENDRUWEIT, «Casas, ciudades y palacios: la cultura residencial», p.387, M. BIETAK, «Urban Archaeology and the "Town Problem" in ancient Egypt» pp. 114; F. HASSAN, «Cities», p. 272).

46 - Escavada por Selim Hassan em 1932-1933. Datava da IV dinastia, compreendia as habitações destinadas aos sacerdotes e a outros servidores do culto funerário da rainha Khentkaus. Noutra área, outros edifícios pertenciam à cidade de Menkauré, perto do seu templo do vale (Cf. E. P. UPHILL, *Egyptian Towns and Cities*, p.39). Tudo leva a pensar numa planificação prévia do planalto de Guiza por parte da administração egípcia (Cf. K. BARD, *An Introduction to the Archaeology of Ancient Egypt*, pp. 144-147).

47 - Cf. L. TROY, «Resource management and ideological manifestation», pp. 13-15.

48 - Como escreve Eric P. Uphill, «later Egyptians remembered Memphis best among all the other urban foundations of the early dynasties who undertook the gigantic task of controlling the inundation and river by constructing huge dykes and water basins» (E. P. UPHILL, *Egyptian Towns and Cities*, p.51). Vide J. C. SALES, *Poder e Iconografia no antigo Egipto*, pp. 45-56.

49 - Centro teológico e de saber em torno do demiurgo solar Atum-Ré, lunu era a maior cidade do Império Novo, ultrapassando inclusive a cidade de Uaset-Tebas em termos de dimensões: 2300 ha para 740 ha (Cf. E. P. UPHILL, *Egyptian Towns and Cities*, pp.47, 66). Neste sentido, esta seria a «cidade» egípcia, por excelência; protótipo das metrópoles do antigo Egipto. Estima-se que no Império Novo viviam nesta cidade cosmopolita cerca de 9.000 habitantes (Cf. L. MESKELL, *Vies privées des Égyptiens*, p. 50).

50 - Uaset-Tebas, elevada à primeira categoria na XI dinastia e depois significativamente apoiada pelos soberanos da XVIII dinastia, abrangia uma vasta área, a Tebaida, que incluía as duas margens do Nilo, englobando assim Karnak, Deir el-Bahari, Deir el-Medina, Medinet Habu, etc. Na margem oriental ocupava 340 ha, a que se juntavam os 400 ha situados da margem ocidental do Nilo. Aqui são de destacar as residências reais ou palácios de alguns dos faraós do Império Novo, como Amenhotep III, Amenhotep IV e Ramsés III (Cf. E. P. UPHILL, *Egyptian Towns and Cities*, pp.54-57, 66; D. VALBELLE, *La vie dans l'Égypte ancienne*, pp. 78, 79).

51 - Situada no Médio Egipto, a cidade fundada por Akhenaton (moderna Amarna) apresentava cerca de 290 m² (Cf. E. P. UPHILL, *Egyptian Towns and Cities*, p.58).

52 - Sendo a última das cidades imperiais a ser construída por Ramsés II, no Delta Oriental, Pi-Ramsés era talvez a mais imponente. Em termos de área, contava com 1000 ha, sendo apenas suplantada por Heliópolis-lunu. Foi a capital do Egipto na época raméssida (Cf. E. P. UPHILL, «Pithom and Raamses: Their Location and Significance», *Journal of Near Eastern Studies*, Vol. 27, No. 4 (1968), pp. 291-316; E. P. Uphill, «Pithom and Ramses: Their Location and Significance», *Journal of Near Eastern Studies*, Vol. 28, No. 1 (1969), pp. 15-39).

7) cidades templárias: cidades que, desde o Império Antigo, se desenvolveram em torno dos templos mais importantes (ex.: Hieracômpolis, Elefantina, Heliópolis e Mênfis)⁵³. No Império Novo, o templo de Amon, em Karnak, tornou-se um extraordinário catalisador do desenvolvimento urbano de Tebas para sacerdotes, trabalhadores e funcionários da administração egípcia⁵⁴, bem como Medinet Habu, na margem ocidental do Nilo, especialmente entre as XX e XXIV dinastias, em redor do templo funerário de Ramsés III⁵⁵.

2. Exemplos de «cidades» planeadas: Kahun, Amarna, Deir el-Medina

A maioria dos agrupamentos urbanos egípcios caracterizava-se pelo seu natural desenvolvimento ao longo dos tempos. Em regra, albergavam modestas habitações e tinham ruas tortuosas e poeirentas onde a falta de higiene ombreava com a imundície. As habitações destinadas às camadas sociais de mais baixo estrato ocupavam a maior parte dos espaços dessas cidades, em zonas densamente povoadas. Os adobes podiam ser dispostos de várias formas (alinhados pela largura, pelo comprimento, dispostos ao alto, cruzados em fiadas, etc.), o que permitia obter paredes de várias espessuras e robustez, bem como rematar as edificações: deixá-las com os adobes à vista ou rebocá-los com a mesma argamassa de composição dos adobes, mas com maior quantidade de água (ou menor quantidade de elementos sólidos) e, por isso, mais moldável. Com o objectivo de alcançar a pretendida verticalidade das paredes e muros, os pedreiros egípcios usavam um fio de prumo e um esquadro de madeira (*sekhekh*) para verificar a horizontalidade. As linhas rectas necessárias às construções eram traçadas com uma corda esticada⁵⁶.

Havia, naturalmente, aqui e além, residências pertencentes aos altos funcionários e dignitários, mais espaçosas e confortáveis. As paredes interiores dessas casas eram decoradas com variados motivos geométricos e naturalistas em vivas cores, em contraste com as fachadas exteriores que eram, geralmente, revestidas de argamassa branca, com o objectivo de reduzir os efeitos do calor. Para receberem os desenhos e as cores, as paredes eram previamente uniformizadas e barradas com argamassa nilótica que, depois de seca, se tornava um suporte adaptado para as decorações.

Nestas habitações, a madeira (de árvores de pequeno porte) era a principal matéria-prima usada para as vigas, umbrais, portas, caixilhos e janelas. As aldrabas das portas, as dobradiças (algumas ainda hoje existentes), ferrolhos, estacas, etc. eram também feitos em madeira. Em muitos casos, porém, os juncos e os caules de papiro cumpriam os mesmos desígnios⁵⁷.

53 - Cf. L. TROY, «Resource management and ideological manifestation», pp. 21, 22, 29, 32-39.

54 - Estas cidades templárias concentravam-se à volta dos templos, apresentando uma hierarquia social bem marcada, diferenciados níveis de «especialização» (religiosa, administrativa, comercial, industrial), consoante os seus bairros, habitantes e actividades (Cf. M. BIETAK, «Urban Archaeology and the "TownProblem" in ancient Egypt» pp. 131). Sobre o desenvolvimento de Tebas, vide L. TROY, «Resource management and ideological manifestation», pp. 30-32.

55 - Cf. L. TROY, «Resource management and ideological manifestation», pp. 23-25.

56 - Cf. J.-C. GOYON, J.-C. GOLVIN, C. SIMON-BOIDOT, G. MARTINET, *La construction pharaonique du Moyen Empire à l'Époque gréco-romaine*. pp. 390, 445. Vide D. ARNOLD, *Building in Egypt: pharaonic stone masonry*, Oxford: Oxford University Press, 1991.

57 - Quando as construções exigiam madeira de grande porte, tornava-se necessário adquiri-la fora do Egipto,

De maiores dimensões, estas habitações eram rodeadas por um muro, com uma abertura que servia de entrada, e tinham no jardim o lugar socialmente mais importante, ao passo que as açoteias tinham a mesma relevância que nas casas mais humildes. Os jardins, repletos de abundantes plantas e árvores de fruto, eram dotados de tanques refrescantes (com peixes, aves e plantas de papiro) e tornavam a existência mais aprazível e confortável. Quando a extensão do espaço o permitia, construíam-se várias dependências anexas (pequenos armazéns, cozinhas, estábulos, aposentos de serviçais, pavilhões, pérgulas, capelas, etc.) e plantava-se no centro da propriedade um vinhedo ladeado de tamareiras, como ilustram algumas das pinturas por nós atrás referidas.

As cenas mostrando habitações com jardim e lago (*che* ou *chej*; rectangular, quadrangular ou em forma de T) são também muito frequentes nas pinturas dos túmulos de funcionários do Império Novo – exemplos: Minnakht (TT87), Nebamon (TT90) e Kenamon (TT93)⁵⁸. É particularmente célebre o luxuriante jardim do túmulo do director dos escultores e escriba dos celeiros Nebamon, datado da XVIII dinastia (reinados de Tutmés IV ou Amenhotep III), hoje no Museu Britânico (BM 37983). Frondosas e frutíferas árvores (figueiras-sicómoros, palmeiras, palmeiras-tamareiras, mandrágoras, sicómoros), rodeiam um tanque rectangular artificial pululante de vida (flores de lótus branco e azul, aves aquáticas e peixes, por exemplo o *ienet* ou *tilapia nilotica*). Além do sentido próspero e aprazível da existência terrena nas grandes habitações tebanas de que davam conta, estes jardins com lago (*etnetkhet*, **ᜥ.t. nt. ht**) eram símbolos de sobrevivência após a morte e era com esse propósito simbólico que eram figurados nos túmulos⁵⁹ (Fig. 7).

Tal como noutros aspectos do quotidiano, também em relação à habitação havia diferenças significativas (grandes residências/modestos casebres) de acordo com o estrato social dos proprietários. Com outras condições de habitabilidade e com os mais elementares cuidados de higiene, as camadas sociais mais elevadas tinham nas cidades outra «saúde» e outra esperança de vida, no Aquém e no Além.

Da tipologia atrás indiciada (cidades de desenvolvimento natural e cidades planeadas), não é exagero afirmar-se que as grandes cidades planeadas, organizadas pelo poder central, são uma excepção à regra. Existiram, é certo, tiveram inquestionavelmente a sua parte na promoção da urbanização egípcia, mas são a minoria. Ainda assim, chegaram-nos eloquentes vestígios dessas cidades, como os casos de Kahun, Deir el-Medina e Amarna.

Em relação a Kahun, há autores que a classificam igualmente como cidade-residência real. Com o nome antigo de Hasenuserethotep, «A casa de Senuseret está satisfeita», ou

nomeadamente na Fenícia (caso do cedro) e na Síria, o que pressupunha, obviamente, uma capacidade aquisitiva ao alcance de muito poucos.

58 - Cf. B. PORTER, R. L. B. MOSS, *Topographical Bibliography*, pp. 179, 184 e 192; J.-C. HUGONOT *Le jardin dans l'Égypte ancienne*, Frankfurt, Bern, New York, Paris: Peter Lang, 1989, 137; M. CARROLL, *Earthly Paradises*, p. 73. Vide A. WILKINSON, *The Garden in Ancient Egypt*, London: The Rubicon Press, 1998.

59 - Compreensivelmente, são inúmeros os túmulos que figuram o motivo do lago, qual motivo obrigatório da decoração: além dos já mencionados, podem também citar-se, em Cheikh Abd el-Gurna, o TT63 (Sebekhotep), o TT85 (Amenenheb) e o TT324 (Hatiay); em Dra Abu el-Naga, o TT158 (Thonefer) e o TT334 (proprietário desconhecido); em Khokha, o TT49 (Neferhotep), o TT178 (Neferronpet, também chamado Kenro) e o TT 296 (Nefersekeru); em Deir el-Medina, o TT19 (Amenmés). Em relação aos túmulos de Amarna, pode incluir-se o TA4, de Meriré.

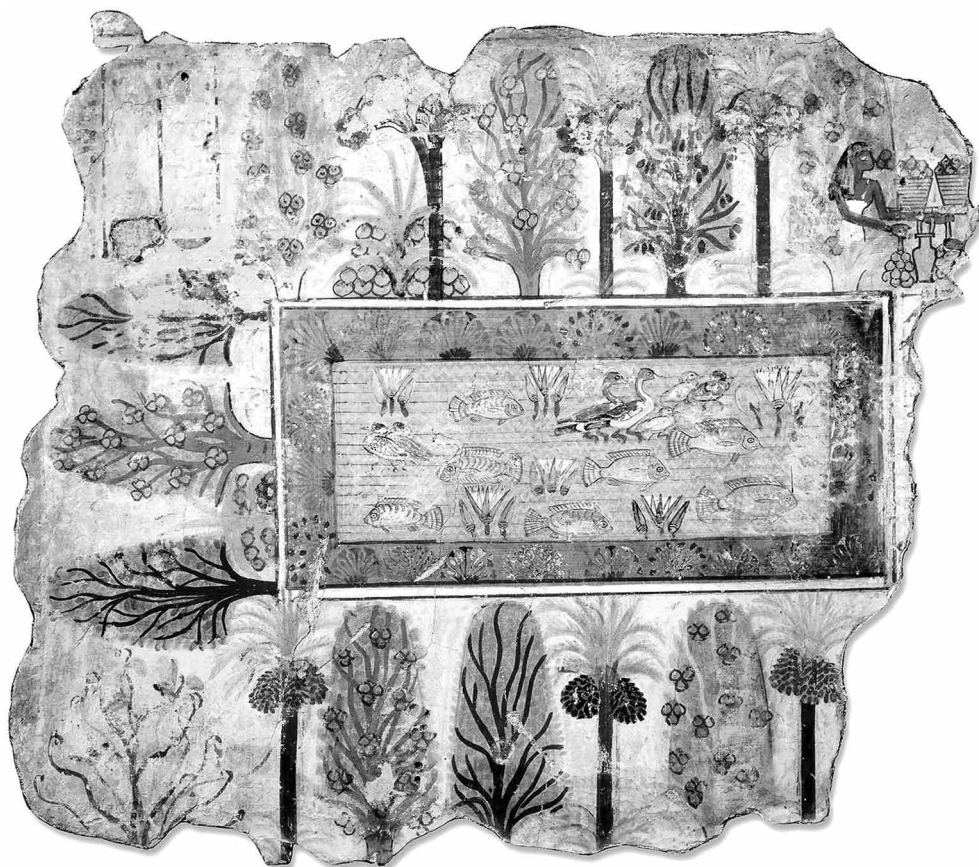


Fig. 7 - O luxuriante jardim do túmulo de Nebamon, XVIII dinastia (reinados de Tutmés IV ou Amenhotep III). Museu Britânico (BM 37983).

Hotepsenuseret, «Senuseret está satisfeito», Kahun, perto da actual El-Lahun, à entrada do Faium, foi a primeira povoação de trabalhadores e de funcionários administrativos a ser fundada no antigo Egipto, no Império Médio, durante o reinado do faraó Senuseret II (1882-1872 a. C.), a cerca de 800 m da sua pirâmide, tendo sido habitada durante cerca de um século. A escavação deste local feita pelo arqueólogo inglês Flinders Petrie (1853-1942), em 1889, permitiu exumar um grande número de utensílios domésticos e de instalações utilizadas pelos trabalhadores e suas famílias⁶⁰.

Também rodeada por muros de adobes e dividida em duas partes (um sector residencial pobre e outro rico), a cidade ocupava uma área rectangular (350-400 m; cerca de 140 000 m²), dotada de um traçado rectilíneo alinhado, rígido, com estreitas ruas direitas, paralelas, que separavam as cerca de 200 habitações praticamente idênticas e encostadas umas às outras. A sua área total rondava os 9,5 ha, estimando-se a sua população em mais de 2 000

60 - Cf. K. BARD, S. SHUBERT, *Encyclopedia of the Archaeology of Ancient Egypt*, pp. 517-521; K. BARD, *An Introduction to the Archaeology of Ancient Egypt*, pp. 186-189.

habitantes. No sector rico, dos cortesãos e dignitários, as habitações eram 50 vezes maiores do que no sector pobre, tendo aí sido detectadas 60 grandes casas (2700 m²), certamente propriedade dos altos funcionários encarregues dos trabalhos de construção. Estavam rodeadas por grandes jardins. O restante recinto era ocupado pelas cozinhas, pelas habitações dos servos, os estábulos e os armazéns. As casas dos trabalhadores (44 m²) no sector pobre eram compostas de duas salas no rés-do-chão que davam acesso ao piso superior onde se situavam os quartos e os espaços de armazenagem. As casas dos funcionários compunham-se de aposentos privados, várias salas, lagos e jardins. O acesso à habitação fazia-se por uma única porta. Havia uma nítida separação dos espaços em função da hierarquia social.

As ruas da cidade dispunham-se em linhas rectas, estando dotadas de canais de pedra para a drenagem das águas, tendo a principal 9 m de largura. Havia outras bem mais estreitas com apenas 1,5 m que muitas vezes desembocavam em becos sem saída. Dentro da área amuralhada, não havia espaço para jardins. A grelha ortogonal de ruas da cidade sugere um elevado grau de controlo estatal e burocrático⁶¹.

A povoação de Deir el-Medina (denominação em árabe que significa «Mosteiro da cidade», por referência ao mosteiro que aí se instalou na Época Copta), situada na zona mais meridional da necrópole tebana, na margem ocidental do Nilo, ocupando o antigo leito de um *uadi*, diante da actual cidade de Luxor, a antiga Uaset (Tebas), merece especial destaque pelas informações que nos confere sobre o desenvolvimento urbano por duas razões principais: porque se trata de uma área completamente escavada na região de Tebas Ocidental e porque foi a residência de uma importante comunidade de comerciantes e trabalhadores das necrópoles reais do Vale dos Reis e do Vale das Rainhas⁶². No entanto, a vida quotidiana da sua população e as condições domésticas da povoação eram similares às de outros locais não-urbanos.

Fundada por Tutmés I (1504-1492 a.C.), na XVIII dinastia, a povoação de Ta set en Maetherimenty Uaset, «O Lugar da Verdade» (Fig. 8) a oeste de Uaset = Tebas» (que os trabalhadores chamavam simplesmente Pa-demi, «A cidade»), foi crescendo ao longo dos tempos, nomeadamente no reinado de Tutmés III (1489-1435 a.C.), XVIII dinastia, até ao reinado de Ramsés XI (1099-1069 a.C.), XX dinastia, e foi sempre o local de habitação dos trabalhadores responsáveis pela construção e decoração dos túmulos reais do Império Novo (XVIII-XX dinastias)⁶³. O primeiro povoado (reinado de Tutmés I) foi destruído pelo fogo e foi temporariamente abandonado (provavelmente durante o período amarniano). Já no reinado de Horemheb, procedeu-se ao restauro das casas antigas e à construção de novas e a comunidade reganhou dinamismo e prosperidade.

Ocupava 6500 m² (130x50 m). O denso tecido de habitações, todas com a mesma planta, dividia-se segundo um eixo norte-sul. O povoado estava rodeado por um muro (com seis a

61 - Cf. M. BIETAK, «Urban Archaeology and the "Town Problem" in ancient Egypt» pp. 115; E. P. UPHILL, *Egyptian Towns and Cities*, pp.27-30; I. SHAW, P. NICHOLSON, «Towns», p. 293; A. ENDRUWEIT, «Casas, ciudades y palacios: la cultura residencial», p. 389; L. PFIRSCH, «Urbanisme et architecture civile», p.402; K. A. BARD, *An Introduction to the Archaeology of Ancient Egypt*, pp.186-188.

62 - Cf. E. P. UPHILL, *Egyptian Towns and Cities*, p. 21; K. BARD, S. SHUBERT, *Encyclopedia of the Archaeology of Ancient Egypt*, pp. 292-295.

63 - São reconhecidas doze fases de construção da povoação (Cf. L. MESKELL, *Vies privées des Égyptiens*, p. 57).

Zona da
Necrópole

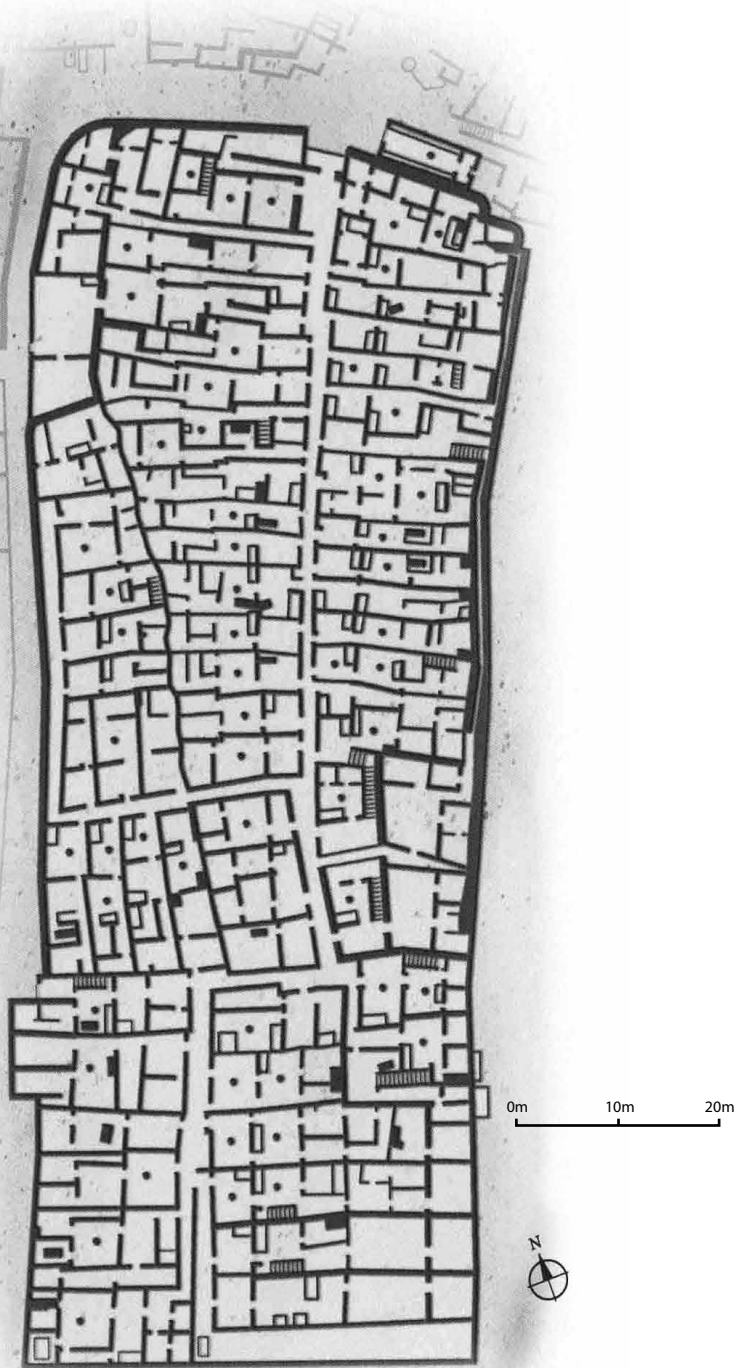


Fig. 8 – Plano da povoação Ta set en Maetherimenty Uaset, «O Lugar da Verdade»

sete metros de altura por um metro de espessura) que o protegia dos perigos do deserto e lhe dava uma configuração rectangular. A única entrada na povoação situava-se no lado norte do muro. A rua principal dividia a povoação em dois sectores (este e oeste).

A necrópole dos artesãos ficava a oeste da povoação. Aí se instalaram vários túmulos privados como o de Sennedjem e da sua mulher Inyeferti (TT1), o do arquitecto Kha e da sua esposa Merit (TT8), o de Pachedu (TT3), o de Inherkha (TT359) e o de Ipuy (TT217)⁶⁴. Muitos deles, com um pátio, uma capela e uma câmara funerária subterrânea, eram encimados por estreitas pirâmides antecedidas de pequenos pilones.

Logo desde o início do século XX, os trabalhos de escavação deste local, um dos raros exemplos de arquitectura civil chegados até aos nossos dias, realizados por italianos, alemães e franceses, permitiram recuperar numerosas inscrições em óstracas, além de equipamentos domésticos e fúnebres das habitações civis, dos santuários, capelas votivas e túmulos escavados na montanha vizinha a oeste da aldeia⁶⁵. As famílias de Deir el-Medina ocupavam aproximadamente 70 casas no interior da área amuralhada e 60 fora dos muros, alinhadas em duas filas ao longo da rua mais larga que dividia a aldeia em duas partes. Apresentam uma planta rectangular alongada de salas em sequência. Nenhuma tinha jardim ou lagos. Através dos tectos-terraços podia passar-se de uma habitação para outra e mesmo as estreitas ruas não eram obstáculos intransponíveis num «percurso aéreo».

Construídas em tijolos de adobes sobre estruturas de pedra, estas casas tinham 1,50 m de altura e cerca de 10 m por 3 m (dimensões médias). A sequência de salas compreendia uma sala de acolhimento, uma sala principal de estar, um quarto de dormir e as cozinhas (com forno para pão). O acesso aos terraços fazia-se por uma escada. No subsolo rochoso escavavam-se uma ou duas caves para depósitos. Nas paredes reservavam-se nichos para as estátuas dos deuses protectores da vida doméstica (por exemplo, Bés, Taueret, Bastet)⁶⁶.

Na época raméssida, quatrocentas pessoas habitavam em Deir el-Medina. Ao contrário do habitual da época, o material usado para as construções de Deir el-Medina foi a pedra, recolhida no próprio lugar do povoado⁶⁷.

Amarna, com os seus 440-1200 ha, situada perto da cidade actual de El-Minia, é a cidade mais completa que subsiste do antigo Egipto e, na linguagem de Lynn Meskell, «le spectre le plus large de la vie urbaine» e «l'endoit idéal pour étudier l'urbanisme égyptien»⁶⁸. Akhetaton, «Horizonte de Aton», foi construída, ocupada e dedicada a Aton por volta de 1347 a. C., no ano 5 do reinado de Akhenaton (XVIII dinastia). Aí se construíram a toda a pressa, em adobes,

64 - Cf. B. PORTER, R. L. B. MOSS, *Topographical Bibliography*, pp. 1-5, 9-11, 16-18, 315-317, 380, 421-424.

65 - Cf. F. ARNOLD, «Study of Egyptian Domestic Building», *Varia Aegyptiaca*, 5 (1989), pp. 75-93; K. BARD, *An Introduction to the Archaeology of Ancient Egypt*, pp. 256-260.

66 - Cf. D. VALBELLE, *La vie dans l'Égypte ancienne*, pp. 101, 102; L. MESKELL, *Vies privées des Égyptiens*, pp. 91-97.

67 - Cf. A. SILLIOTTI, *Égypte. Terre des pharaons*, Paris: Gründ, 1994, p. 232; D. WILDUNG, *O Egipto. Da Pré-história aos Romanos*, Lisboa: Taschen, 1998, p. 163; E. P. UPHILL, *Egyptian Towns and Cities*, pp. 21, 22; G. ANDREU, (ed.), *Les artistes de Pharaon. Deir el-Médineh et la Vallée des Rois*, Paris: Réunion des Musées Nationaux/Brepols, 2002, pp. 25, 26; A. ENDRUWEIT, «Casas, ciudades y palacios: la cultura residencial», p. 390.

68 - L. MESKELL, *Vies privées des Égyptiens*, p. 46. Vide também F. HASSAN, «Cities», pp. 272.

madeira e pedra, os palácios, os templos, os edifícios oficiais, as moradias dos mais abastados e os casebres dos mais pobres. Tudo isto foi abandonado pelo sucessor de Akhenaton, o jovem Tutankhaton-Tutankhamon.

Quando a posteridade o declarou rei herético, as suas estátuas e as da sua família foram desfiguradas e os seus nomes e mesmo o nome do seu deus martelados nos templos e nos baixos-relevos dos monumentos funerários. No reinado de Ramsés II (XIX dinastia), equipas de demolidores acamparam no meio das ruínas para desmontar as construções de pedra talhada até às suas fundações, a fim de reutilizar os materiais.

Apesar da devastação cometida na Antiguidade e do vandalismo da época moderna, a maior parte da cidade, construída paralelamente ao Nilo, na margem oriental, permanece ainda no local⁶⁹; reconhecem-se nas areias do deserto, os antigos caminhos e as veredas traçadas por homens há muito falecidos.

Nas catorze grandes estelas esculpidas na falésia (cada uma com quatro metros de altura), delimitando o local nas margens oriental e ocidental, figuram ainda cenas em que se reconhece o faraó e a rainha adorando o símbolo de Aton, fonte dos raios solares; em baixo estão gravados textos, hoje muito danificados e erodidos, narrando a forma como Akhenaton escolheu e marcou os limites da cidade. Indicam também os edifícios que o faraó se propunha edificar na povoação: palácios, templos, um túmulo para a sua família nas colinas situadas a este e sepulturas na proximidade para os seus parentes.

Os templos esculpidos na rocha comportam cenas em baixos-relevos. Embora estejam quase todas inacabadas, estas representações dão-nos ainda hoje uma ideia muito viva da vida quotidiana da família real em Akhetaton: constituem praticamente a nossa única fonte de informação sobre os acontecimentos que se desenrolaram nesta movimentada época da história do Egito. Mostram-nos o faraó a ser visitado pela sua corte, assistimos a cerimónias públicas e privadas no interior do palácio, participamos no desgosto da família real aquando da prematura morte da filha mais velha, estamos nos templos no momento de cerimónias quotidianas durante as quais se fazem sumptuosas oferendas a Aton.

As ruas chegavam a atingir 60 m de largura para albergarem os 20 000-30 000 habitantes. Apesar de ocupada só durante cerca de vinte anos, toda a planificação da cidade (4-5 Km x 800 m) denota a influência da doutrina religiosa atoniana, desde a sua localização em local desértico e espaçoso, aberto, numa vasta planície entre o rio e a montanha, livre de qualquer ocupação urbana ou marca religiosa prévia, até à sua edificação sem muralhas, passando pela localização das necrópoles a oriente da cidade⁷⁰.

As duas principais zonas residenciais situavam-se a norte e a sul do centro urbano, onde ficavam o palácio real e os templos dedicados a Aton (Per-Aton, o maior, e Pa-hut-Aton, o menor). As residências privadas aí construídas (as mais opulentas, no bairro meridional,

69 - A maior parte da cidade foi desmantelada e as suas pedras reutilizadas como material de enchimento de outros monumentos faraónicos (Cf. L. MESKELL, *Vies privées des Égyptiens*. p. 47).

70 - Cf. M. BIETAK, «Urban Archaeology and the "Town Problem" in ancient Egypt», pp. 121-124; K. BARD, S. SHUBERT, *Encyclopedia of the Archaeology of Ancient Egypt*, pp. 932-937; K. BARD, *An Introduction to the Archaeology of Ancient Egypt*, pp. 221-229.

tinham 400 m²), independentemente do seu tamanho, apresentam uma planta mais ou menos uniforme. De facto, é difícil encontrar em Amarna duas habitações idênticas, mas os elementos-tipo repetem-se com combinações ligeiramente diferentes: uma sala de estar quadrada, no centro da habitação, em torno da qual se agrupavam uma sala de recepção, espaços de arrumação e quartos domésticos mais íntimos, além de casas de banho. Disponham ainda de pátios, jardins, armazéns, acomodações para os serviços, etc.⁷¹

As casas mais humildes de Amarna (25 m²), destinadas aos trabalhadores, em zona desértica um pouco afastada da cidade, circundadas por um muro em que se abria uma porta do lado sul, não parecem ter apresentado grande decoração interior, sendo as paredes apenas uniformizadas com gesso e pintadas de branco. Por seu turno, as casas dos altos funcionários eram decoradas com pinturas murais, geralmente com motivos geométricos. As janelas destas habitações tinham a forma de grelhas de pedra encastradas nas paredes.

Foi no centro da cidade de Tell el-Amarna que, em 1911, Ludwig Borchardt, trabalhando para a Deutsche Orient-Gesellschaft, descobriu as ruínas da oficina de um escultor (Tutmés). Nesse local, estava guardado um grande número de estatuetas, de moldes em gesso, de esboços e o busto pintado da rainha Nefertiti, que se tornaria uma das esculturas-retrato mais célebres de todo o mundo antigo.

Nestas cidades (Kahun, Deir el-Medina e Amarna) observam-se os princípios directores da organização espacial que revelam a existência de um verdadeiro urbanismo, com ruas secundárias nos sentidos norte-sul e este-oeste a partir de uma via principal perpendicular, segundo uma trama mais ou menos ortogonal. O centro urbano é ocupado pelos edifícios oficiais e religiosos (Amarna). Em Kahun e Amarna há uma nítida separação dos espaços em função da hierarquia social: na periferia norte encontra-se o bairro dos comerciantes e a este a aldeia dos artesãos. Muitos destes territórios (ex.: Amarna) eram delimitados por estelas-fronteiriças.

3. Actividades e ofícios «urbanos»

É óbvio que numa economia como a egípcia baseada na agricultura — uma agricultura planificada e bem organizada com vista à auto-suficiência alimentar e sustentabilidade da vida da comunidade nilótica, sob supervisão estatal — as principais actividades e a maioria dos ofícios estão estreitamente ligados ao mundo agrícola e para-agrícola⁷². O conjunto de fontes de informação de que dispomos confirmam-no até à exaustão: relevos, pinturas tumulares e estelas, sem mencionarmos os artefactos que nos chegaram, mostram-nos que as tarefas

71 - Cf. D. ARNOLD, *The Encyclopedia of Ancient Egyptian Architecture*, Cairo: The American University in Cairo Press, 2003, p. 11.

72 - Há quem classifique a sociedade egípcia do ponto de vista antropológico como uma «sociedade camponesa» (ou «economia camponesa»): uma sociedade composta principalmente por produtores agrários auto-suficientes que pagam parte de suas culturas como imposto ao Estado ou como aluguer aos proprietários das terras que cultivam (Cf. B. HARING (2009), «Economy», em Elizabeth Froid, Willeke Wendrich (eds.), *UCLA - Encyclopedia of Egyptology*, Los Angeles: 2009, p. 2 - <http://escholarship.org/uc/item/2t01s4qj>

situadas a montante e a jusante dos trabalhos agrícolas concentravam a esmagadora maioria da população (camponeses), bem como outras camadas socioprofissionais sem as quais não havia adequado aproveitamento dos recursos disponíveis nem as necessárias condições para sustentar a vida no Vale do Nilo: moleiros, padeiros, cervejeiros, magarefes, tecelões, escribas (dos celeiros), serviçais empregues nos celeiros e armazéns, etc.

Se nas vulgares povoações do mundo rural propriamente dito estas actividades tinham lugar, embora de forma mais restrita, nas cidades, com a inerente concentração populacional e a ampliação da imprescindível satisfação das suas necessidades, tornam-se essenciais e, sendo mais numerosas e complexas, adensam as redes profissionais votadas à execução dessas actividades: multiplicam-se os serviços e serviçais dedicados ao transporte e à conservação, preparação, confecção e apresentação dos alimentos (padarias, cervejarias, leitarias, caves de vinhos, depósitos de água, de cereais, de peixe, de fruta, etc.⁷³); à preparação, confecção e lavagem dos têxteis para o vestuário; à transformação e produção de artefactos utilitários (cerâmica, mobiliário, joalheria, metalurgia, perfumaria, vidro, etc.); aos cuidados de beleza e higiene dos altos funcionários e cortesãos (esteticistas, manicuras, pedicuras, cabeleireiras, massagistas, barbeiros, transportadoras de espelhos, de jóias, de guarda-jóias, etc.); aos cuidados com as parturientes, recém-nascidos e crianças (parteiras, amas-de-leite, amas, professores de escrita, etc.).

Ao serviço dos altos funcionários, das mais destacadas elites sacerdotais e da própria Administração, toda esta multidão de anónimos trabalhadores tinha nas cidades o seu local privilegiado de actuação e de cumprimento das suas tarefas. Os ofícios artesanais crescem aí exponencialmente. A criadagem dedicada às tarefas domésticas é muito numerosa. As actividades são muito diversificadas.

Como já indicado, para ilustrar estas actividades e ofícios urbanos podemos socorrer-nos de várias fontes: numerosas estatuetas de madeira pintada figurando serviçais em cenas de transporte de bens e produtos que embora, em alguns casos, constituam peças usadas em contexto funerário nos elucidam igualmente sobre tarefas quotidianas da vida nas cidades egípcias da época histórica. O mesmo se aplica às numerosas maquetas de madeira que nos chegaram, nomeadamente do Império Médio, onde podemos ver ateliers, carpintarias, açougues, armazéns-celeiros, etc. que sendo típicas do quotidiano egípcio ganham ainda mais consistência quando perspectivadas no âmbito de uma mundividência urbana.

No caso das primeiras citem-se, a título de exemplo: i) o modelo da XII dinastia, Império Médio, oriundo do túmulo de Gua, em Deir el-Bercha, hoje no British Museum, que representa uma serva, com um vestido de linho branco, de alças, que lhe cobre apenas dos seios, carregando à cabeça um cesto com uma oferta de pão e carne⁷⁴; ii) as estatuetas de madeira engessada e pintada de elegantes portadoras de oferendas também do Império Médio, XI

73 - Cf. D. VALBELLE, *La vie dans l'Égypte ancienne*, p. 56.

74 - O título de *uer-sunu*, «chefe dos médicos», usado por Gua sugere que ele foi uma importante figura na corte de Djehutihotep, governador local. Vide o modelo em causa em http://www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight_objects/aes/m/model_of_a_female_servant.aspx.

dinastia, provenientes do túmulo de Meketré (TT280)⁷⁵; iii) as esculturas das portadoras de oferendas do Museu do Louvre, também do Império Médio, XII dinastia⁷⁶; iv) os grupos de portadores de oferendas do Metropolitan Museum of Art (também encontrado do túmulo de Meketré⁷⁷) e do Boston Museum of Fine Arts (do túmulo 10, de Djehutinakht, em Deir el-Bercha)⁷⁸.

No que se refere às maquetas de madeira pintada, o repertório possível é também bastante extenso e diversificado. Mencionem-se as três que foram encontradas no túmulo de Meketré (TT 280) e que hoje o Metropolitan Museum of Arts, de Nova Iorque, exhibe (celeiro⁷⁹; cervejaria e padaria⁸⁰ e açougue⁸¹), bem como as duas recolhidas no mesmo túmulo expostas no Museu Egípcio do Cairo (carpintaria e atelier de tecelagem⁸²). A juntar a estes artefactos podiam ainda mencionar-se as inúmeras estatuetas em madeira, cerâmica ou pedra que a maioria dos museus com peças egípcias detêm, figurando mulheres e homens amassando o pão e a massa para a cerveja.

Também a cena pintada sobre reboco do TT104 (Cheikh Abd el-Gurna) mencionada antes que reproduz, em corte, a habitação de Djedhutinefer, superintendente do tesouro do reinado de Amenhotep II, nos esclarece sobre o quotidiano de ocupações e ofícios urbanos. Num quadro privado são apresentadas algumas das actividades domésticas urbanas. Um dos registos é reservado ao artesanato têxtil: num primeiro compartimento, fia-se; noutro, tece-se e num terceiro lavam-se as peças. Noutro registo, criados e criadas atarefados transportam louças, flores e pedaços de carne. No registo superior, o proprietário da habitação, enquanto um flabelífero lhe agita um leque, recebe de outro uma refrescante bebida e, ao mesmo tempo, dá indicações a dois escribas ajoelhados à sua frente. No terraço, um contabilista toma nota da entrega de materiais em curso. A parte direita da representação da residência,

75 - As duas estatuetas em questão encontram-se no Metropolitan Museum of Art (nº 20.3.7) e no Museu do Cairo (JE 46725). <http://www.metmuseum.org/collections/search-the-collections/100000427> e [http://www.globalegyptianmuseum.org/large.aspx?img=images/EMC/658-2-EM-3-449-_800x800\[1\].jpg](http://www.globalegyptianmuseum.org/large.aspx?img=images/EMC/658-2-EM-3-449-_800x800[1].jpg).

76 - Referimo-nos a duas peças expostas na Ala Sully, 1º andar, secção 23, Vitrina 10 (Ref. 1076; E 10781) - <http://www.louvre.fr/oeuvre-notices/porteuse-doffrandes-e-rés-do-chão>, secção 04, Vitrina V01 - http://www.insecula.com/oeuvre/photo_ME0000026884.html.

77 - Metropolitan Museum of Art, rés-do-chão, secção 4, Vitrina 4, Ref. 1 - nº 20.3.8 - <http://www.metmuseum.org/Collections/search-the-collections/100000335>.

78 - Cf. A. M. Roth, C. H. Roehrig, «The Bersha Procession: A New Reconstruction», *Journal of The Museum of Fine Arts, Boston*, Vol. I (1989), pp. 31-40 - <http://www.mfa.org/collections/object/model-of-a-procession-of-offering-bearers-the-bersha-procession-143592>.

79 - Metropolitan Museum of Art (rés-do-chão, secção 4, Vitrina 3, Ref. 3 - nº 20.3.11 - <http://www.metmuseum.org/Collections/search-the-collections/100001753>.

80 - Metropolitan Museum of Art (rés-do-chão, secção 4, Vitrina 3, Ref. 4 - nº 20.3.12 - <http://www.metmuseum.org/Collections/search-the-collections/100000479>.

81 - Metropolitan Museum of Art (rés-do-chão, secção 4, Vitrina 3, Ref. 2 - nº 20.3.10 - <http://www.metmuseum.org/Collections/search-the-collections/100000478>.

82 - Museu Egípcio do Cairo: Carpintaria - JE 46722: http://www.globalegyptianmuseum.org/large.aspx?img=images/EMC/447_800x800.jpg; Atelier de tecelagem - JE 46723: http://www.globalegyptianmuseum.org/large.aspx?img=images/EMC/448_800x800.jpg.

completamente destruída, devia abranger outros sectores de actividade, em particular os aposentos reservados às mulheres⁸³.

Impossível de omitir nesta enumeração as paredes do túmulo do governador de Tebas e vizir do Alto Egipto Rekhmiré (TT 100), em Cheikh Abd el-Gurna, da XVIII dinastia, onde se podem ver oito registos de pinturas alusivas a uma extensa série de ofícios praticados nas cidades egípcias, neste caso remetendo directamente para a grande cidade de Uaset-Tebas sob sua supervisão: fabrico de adobes para construção por pedreiros, procedimentos e técnicas de metalurgia (o fabrico, a fundição e o tratamento dos vários metais e suas ligas), trabalhos da madeira por carpinteiros e marceneiros, actividades na pedra de canteiros, pedreiros e escultores⁸⁴.

Mas a vida na cidade não era só feita de trabalho e de intensas actividades laborais. Quer na vida pública quer na vida privada havia também momentos de festa e de prazer e neste particular merecerem especial destaque os banquetes privados. É preciso esclarecer que muita da informação disponibilizada pela iconografia tumular egípcia sobre os banquetes se refere aos banquetes funerários do Império Novo, ou seja, à celebração do importante momento da passagem de um mundo para o outro, em que intervinham os familiares e os amigos do defunto⁸⁵. Não obstante, esses banquetes remetem-nos para outros acontecimentos sociais meramente terrestres, onde, no fundo, estão presentes os mesmos elementos: o elevado cariz erótico e sensual, o desfrute das coisas boas da vida, a celebração da alegria, da dança, do amor; numa palavra, da vida.

Os momentos festivos privados envolviam, sobretudo, os membros da elite administrativa egípcia, decorriam nas suas propriedades e habitações, em ambientes selectos, familiares, recatados, e destinavam-se a um público restrito, seleccionado⁸⁶. Eram ocasiões em que a comida e as bebidas circulavam com alguma liberalidade (por vezes provocando bebedeiras e intoxicações nos convivas⁸⁷) e em que a música, o canto e a dança ajudavam a compor um ambiente descontraído e prazenteiro⁸⁸. As finas e transparentes

83 - Cf. D. VALBELLE, *La vie dans l'Égypte ancienne*, pp. 57; A. ENDRUWEIT, «Casas, ciudades y palacios: la cultura residencial», p.393.

84 - Cf. B. PORTER, R. L. B. MOSS, *Topographical Bibliography*, p. 211.

85 - Neste domínio, é extremamente elucidativa e representativa a iconografia patente nos oito registos da parede norte do corredor do túmulo de Rekhmiré (TT100), à qual se podem juntar outras cenas dos túmulos de Djehuti (TT45), de Nakht (TT52), de Djoserkaréseneb (TT38), de Amenemhat (TT82), de Inherkhau (TT359) ou de Nebamon (TT90) – Cf. B. PORTER, R. L. B. MOSS, *Topographical Bibliography*, pp. 70, 86, 100, 101, 164, 183, 184, 213, 423.

86 - Aos momentos de festa privada egípcia, desenrolados ao sabor dos interesses, disponibilidades e possibilidades dos altos funcionários, contrapunham-se os momentos de festa pública, oficiais, sejam as festas religiosas propriamente ditas, sejam as festas relacionadas com os ciclos da terra, sejam ainda as festas reais. Todas elas tinham particular expressão na vida das comunidades urbanas do antigo Egipto.

87 - É célebre a representação do túmulo do escriba e encarregue da contagem do grão do celeiro das ofertas divinas de Amon, Djoserkaréseneb (TT38), que oficiou durante o reinado de Tutmés IV, em que uma das convidadas da festa, assistida por uma serviçal, vomita em resultado do excesso de bebida ingerido.

88 - Cf. D. VALBELLE, *La vie dans l'Égypte ancienne*, pp. 111, 112. São numerosas as cenas de contexto funerário que nos mostram músicas femininas (com harpas de vários tipos – angulares, arqueadas e de ombro –, liras, pandeiros, alaúdes, flautas, etc.) e os harpistas cegos que com o seu talento e arte abrilhantavam estes momentos de convívio urbano. Citem-se, a título de exemplo, cenas dos túmulos de Cheikh Abd el-Gurna, de Nakht (TT52), de Amenemhat (TT82) e de Rekhmiré (TT100). Da mesma forma, é possível encontrar cenas em que jovens

túnicas de linho liso ou plissado que a maioria das mulheres envergava, as perucas requintadamente confeccionadas, os adornos (diademas, tiaras, colares, anéis, brincos, peitorais, cintos, pulseiras, braceletes, etc.) usados por ambos os sexos, a cosmética aplicada, com os seus vários perfumes, óleos, essências, bálsamos, unguentos e cones de gordura perfumada usados no topo da cabeça também por homens e mulheres, as grinaldas de flores (sobretudo, as flores de lótus) e os perfumes que exalavam, tudo contribuía para delinear nestes banquetes uma atmosfera de sensualidade e erotismo, para deleite do corpo e do espírito.

O banquete egípcio cumpria, assim, a sua função social de apreço pela vida, em que todos os bons momentos devem ser intensamente vividos (numa filosofia que tem muito de *carpe diem*), apresentando, por isso, uma enorme vitalidade e dinamismo, ao mesmo tempo que revela a consciência do egípcio da relatividade e transitoriedade da vida terrena.

A cidade é também, pela dimensão demográfica e pelo aspecto cosmopolita que se lhe associa, sobretudo no Império Novo, um lugar propício a outras «actividades»: referimo-nos aos contactos sexuais de carácter mais lúbrico. A cidade é um lugar que favorece a prática da prostituição. Sem pretendermos alongar-nos sobre este tópico, é incontornável uma referência aos encontros sexuais num lupanar urbano (Uaset/Tebas ?) narrado no conhecido *Papiro Erótico de Turim* (Papyrus 55001)⁸⁹. O papiro foi descoberto em Deir el-Medina, no início do século XIX, e é datado do período raméssida (cerca de 1150 a.C.). Contém 12 vinhetas eróticas (173 X 22 cm) onde são representadas os actos sexuais praticadas por dois homens com várias prostitutas⁹⁰. Cada cena tem inscrições em hierático com o diálogo sobre as actividades em prática e sobre o papel mais ou menos activo reservado a cada interveniente.

Em contraste com as figuras masculinas (gordos, baixos, carecas, de aspecto descuidado, com a barba por fazer), de exagerados falos, em suma, pouco atraentes, as jovens prostitutas, no auge do seu vigor físico e sexual, são muito graciosas e usam as canónicas imagens do

e elegantes bailarinas, por vezes nuas, se divertem e alegram os convidados (ex.: túmulo de Nakht). Vide G. ROBINS, *Las mujeres en el antiguo Egipto*, Madrid: Ediciones Akal, 1966; E. STROUHAL, *Life of the Ancient Egyptians*, Norman: University of Oklahoma Press, 1992.

89 - O papiro está actualmente na Sala V do Museu Egípcio de Turim (Cat. 2031 RCGE 46617). Pela ousadia e falta de decoro das cenas de sexo explícito, estamos, de facto, perante um papiro pornográfico, uma vez que a designação «erótico» nos remete, em regra, para áreas de maior recorte sensual ou estético, mais do domínio do implícito, que, manifestamente, nos parecem ausentes do papiro em causa, mesmo considerando uma eventual feição satírica que lhe pode estar associada. Como é sabido, noutra secção do papiro, alguns animais imitam as actividades humanas na forma narrativa de história satírica, mas sem os textos de acompanhamento que a parte pornográfica regista. Vide J.A. OMLIN (1973), *Der Papyrus 55001 und seine Satirisch-erotisch enzeich munge nun dln schriften*, Torino: Edizioni d'Arte Fratelli Pozzo, 1973.

90 - Vide as cenas e respectivos textos que as acompanham em J. M. PARRA ORTIZ, *A vida amorosa no antigo Egipto. Sexo, matrimónio e erotismo*, Lisboa: A Esfera dos Livros, 2010, pp. 228-239; C. MELÃO, *A mulher e o amor no Egipto antigo*, Lisboa: Campo da Comunicação, 2007, anexos 1-6. Vide L. MANNICHE, *Sexual Life in Ancient Egypt*, London: KPL, 1987, pp. 106-115. Há quem interprete as imagens masculinas como sendo de apenas um mesmo homem que teve vários encontros sexuais com as cortesãs. É também aventada a hipótese de se tratar de um sacerdote tebanos particularmente votado a picantes aventuras eróticas (Cf. L. M. ARAÚJO, *Erotismo e Sexualidade no antigo Egipto*, Lisboa: Edições Colibri, 2012, p. 164).

erotismo egípcio (sistros, espelhos, flores de lótus, macacos, cabeleiras bem tratadas, cintos pélvicos, colares, braceletes, etc.)⁹¹. Se as representações maculinas são interpretáveis como indícios reveladores de contactos sexuais casuais, sem compromisso, a descontração feminina, patenteada nomeadamente por estarem nuas, pelos rostos tranquilos que denotam e até por algum alheamento e indiferenças face às «tarefas sexuais», é interpretada como resultante do à-vontade do exercício habitual de uma actividade profissional⁹². O rol de posições sexuais é diversificado (*coitus anterior in situ anteriore*⁹³, *coitus anterior in situ posteriore*⁹⁴) e a força expressiva das imagens do papiro parece sugerir que tenha pertencido a um membro da elite egípcia da época.

O vivo e animado relato sexual ilustrado pode ter sido usado como uma crítica à vida urbana de luxúria levada por alguns membros das camadas sociais egípcias⁹⁵. A maioria das cenas são convergentes quanto ao facto do prazer ser a finalidade dos actos praticados. As profissionais do sexo cumprem, assim, a sua função de satisfazerem os impulsos sexuais masculinos. A impessoalidade da relação assim praticada reforça o sentimento de que as meretrizes eram «mulheres de vida alegre» (*khenemet*) das cidades egípcias.

De um ponto de vista maético, as profissionais da diversão e da arte de seduzir em locais de permissividade e libertinagem onde corriam as bebidas (vinho, *erpi*, e cerveja, *henket*) ou hipoteticamente em abordagens de rua eram de evitar para aqueles que quisessem preservar o seu bom nome. Vários textos nos ajudam a firmar esta apreciação e a relação entre a prostituição e a cidade:

82
—

«Disseram-me que abandonaste os estudos
Entregando-te aos prazeres.
Tu caminhas de rua em rua,
Um odor a cerveja a cada descida.
A cerveja afasta a condição humana.
(...)
Se ao menos tu te desses conta
Que o vinho é uma abominação
(...)
Enquanto estavas sentado na taberna,
As raparigas rodearam-te;
Tu estás lá a...
Sentado diante da rapariga,
estás impregnado de unguento

91 - Cf. L. MESKELL, *Vies privées des Égyptiens*, p.136.

92 - Cf. C. MELÃO, *A mulher e o amor no Egipto antigo*, p. 166.

93 - Cenas 4, 6, 7, 8, 10, 11 e 12.

94 - Cenas 2 e 9. As cenas 1, 3 e 5 não permitem um juízo claro sobre a opção de penetração adoptada pelos protagonistas.

95 - Cf. C. MELÃO, *A mulher e o amor no Egipto antigo*, p. 165.

(...)

*Tu vacilas. Cais sobre o teu ventre;
Tu estás impregnado de excremento.»⁹⁶*

*«Tu andas sempre distraído,
Como um pintainho à procura da sua mãe.
(Mas) é na diversão que persistes.
Os teus companheiros de amizade são os foliões;
Arranjaste uma cama na taberna,
Como alguém que só deseja beber cerveja.
Tu instalas-te no quarto com Saefeniautef.
Tens horror aos estudos.
Tu confraternizas com a Cassita.
Não faças isso. Para que serve?
Não há interesse nisso.»⁹⁷*

Um papiro encontrado em Tânis enumerava entre as proibições que deviam ser observadas nas cidades egípcias «fornicar com um fornicador, macho ou fêmea» no «vigésimo terceiro dia do terceiro mês da inundaçã». Este tabu de ter relações sexuais com profissionais de qualquer sexo aparece claramente associado à vida na cidade⁹⁸.

De igual modo, a *Sabedoria de Ani*, do Império Novo (XIX dinastia), associa expressamente o sexo com prostitutas à cidade cosmopolita:

*«Desconfia de uma mulher estrangeira
Uma desconhecida na sua cidade,
não a olhes extasiado quando passa,
não procures conhecê-la carnalmente.
Água profunda de curso desconhecido
Tal é a mulher longe do marido.
"Sou atraente e meiga", diz ela todos os dias
quando não tem testemunhas.
Está pronta para te lançar a rede,
é um grande crime mortal quando é ouvido.»⁹⁹*

96 - «Recomendações ao aprendiz de escriba» in P. VERNUS, *Les sagesses de l'Égypte pharaonique*, Paris: Imprimerie Nationale, 2001, pp. 381, 382. Cf. C. MELÃO, *A mulher e o amor no Egíto antigo*, p. 173.

97 - «Recomendações ao aprendiz de escriba» in P. VERNUS, *Lessagesses de l'Égypte pharaonique*, p.384, Cf. C. MELÃO, *A mulher e o amor no Egíto antigo*, p. 174.

98 - Cf. C. MELÃO, *A mulher e o amor no Egíto antigo*, p. 177.

99 - L. M. ARAÚJO, *Erotismo e Sexualidade no antigo Egíto*, L. M. ARAÚJO, p. 296; J. N. CARREIRA, *Literatura do Egíto antigo*, Mem-Martins, Publicações Europa-América, 2005, pp. 141, 142.

Esta mulher anónima que não é reconhecida como uma «cidadã», uma «mulher da cidade», *ankheten niut*, (*ʿnḥtn nīwt*), não respeitava, por isso, as «regras morais» e como mulher de vida alegre que se passeava pelas ruas da cidade tornava-se nefasta para qualquer um que pretendesse manter uma conduta íntegra¹⁰⁰.

4. Conclusão

«A casa dos que estão no Ocidente,
É profunda e escura.
Não tem porta, nem janelas,
Nem luz para iluminar,
Nem o vento do Norte para refrescar o coração.
O Sol não entra nessa casa.
Eles dormem durante todo o tempo
Porque as trevas se estendem pelo dia.
Meu deus! Com o bom [morto] estaria bem [vivo]
Se o ar fosse respirável»

É assim que num «canto de carpideiras» ou «lamento de viúva» inscrito no túmulo do cortesão, escriba e funcionário Nefersecheru, da época de Ramsés II (TT296), é descrito o lmentet, «o Ocidente», onde jazem todos os mortos. Curiosamente, a falta de «condições de habitabilidade» do Ocidente constitui um interessante elemento antinómico para formular as ditas condições que, no Aquém, deviam existir nas casas e assim garantir e propiciar uma existência positiva. Uma casa egípcia devia ser espaçosa e clara, dotada de portas e janelas que permitissem a entrada da luz do Sol e a adequada ventilação pelo «vento do Norte», possibilitando, dessa forma, um «ar respirável», sustentador da própria vida humana¹⁰¹.

O referente para estas «condições de habitabilidade» são, seguramente, as habitações dos altos-funcionários, como Nefersecheru, situadas nas cidades egípcias ou nas suas redondezas e nunca as modestas habitações dos trabalhadores, enfiadas em bairros sujos, onde a miséria, a falta de condições de higiene e as doenças ombreavam com as ruas tortuosas, poeirentas e imundas. Estas estavam mais próximas dos aspectos negativos apontados para o Além do que aquelas. São o requinte das habitações aristocráticas, com os seus altos muros envolventes, pórticos e vários pisos, com jardins interiores com espelhos de água, árvores de furto e flores de várias espécies que enformam a lamentação inscrita no

100 - Não parece que as prostitutas se distinguissem das restantes mulheres por usarem roupas específicas. No entanto, é possível que algumas usassem uma pequena tatuagem como símbolo da sua relação com as artes do amor (Cf. J. M. PARRA ORTIZ, *A vida amorosa no antigo Egipto*, p. 144).

101 - Cf. J. M. S. FERREIRA (2009), «Condições de habitabilidade ou *naturae decor* no antigo Egipto segundo um “canto de carpideiras” do Império Médio», *Cadmo*, 19 (2009), pp. 231, 232.

TT296. Só estas casas apresentavam os necessários dispositivos para uma boa iluminação e uma boa circulação de ar.

Estamos perante inscrições feitas para altos funcionários, em dispositivos preparados para a eternidade desses altos funcionários (túmulos), com base na descrição e observância do que em vida caracterizava as suas existências (a vida em propriedades urbanas). Viver na cidade era, em muitos sentidos, dispor de todas as condições necessárias para uma existência tranquila e duradoura. Aí se situavam as grandes residências com jardins dos altos funcionários, os ruidosos mercados, com as tendas e bancas dos artesãos para as trocas comerciais, as tabernas e as oficinas, e onde, a par de actividades e ofícios bem diversificados necessários à existência quotidiana, se podia desfrutar de aprazíveis momentos de fruição (banquetes e festas) e também encontrar vagueando nas ruas ou concentradas em lupanares mulheres para o prazer, egípcias ou estrangeiras. Assim se vivia na cidade egípcia.